

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO

22

**As Testemunhas
de Jeová**

**PUBLICAÇÃO DO SECRETARIADO
NACIONAL DE DEFESA DA FÉ**

AS TESTEMUNHAS DE JEOVA

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO 22

PE. L. RUMBLE, M. S. C.

AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

**PUBLICAÇÃO DO
SECRETARIADO NACIONAL DE DEFESA DA FÉ
EDITORA VOZES LIMITADA
1959**

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-
TRÓPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVER-
KAMP, O. F. M. PETRÓPOLIS, 2-III-1959.

Título do original inglês: The Jehovah Witness e The
Incredible Creed of Jehovah Witnesses.
Publicado pelos Fathers Rumble & Carty, Saint Paul 1,
Minn. U. S. A.
Copyright by the RADIO REPLIES PRESS

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

As Testemunhas de Jeová constituem uma das corporações religiosas propagandistas mais vigorosas e espetaculares da época atual. Pelo mundo inteiro, um exército de entusiastas persistentes anda de porta em porta, exortando o povo a adotar os seus ensinamentos como questão de vida e de morte. Proclamam ter feito mais de um milhão de convertidos em anos recentes, principalmente na América; e sobre eles foi escrito no "Saturday Evening Post", no "Collier's Weekly" e no "Reader's Digest" como sendo um fenómeno de importância tanto nacional americana como internacional.

Esta nova seita originou-se nos E.U.A., país ao qual o mundo deve o "Mormonismo", a "Ciência Cristã", os "Adventistas do Sétimo Dia", o "Pai Divino" e tantos outros estranhos rebentos religiosos. Charles Taze Russell, um vendedor de fazendas de Pittsburg, posteriormente conhecido como "Pastor" Russell, foi o fundador do movimento em 1872. Nathan Homer Knorr, o seu chefe atual, prefere dizer: "Nós entramos na história das Testemunhas de Jeová em 1872". E isto nos leva à questão de nomes.

EVOLUÇÃO DE UM NOME

Nos seus esforços para se estabelecer, nenhum movimento moderno, salvo o dos Comunistas, pode ri-

valizar com as Testemunhas de Jeová na técnica de se mascarar sob títulos sempre cambiantes.

Russell começou por pregar aquilo que êle denominava a "Aurora Milenar", e os seus sectários logo ficaram sendo conhecidos como os "Auroristas Milenares". Desde muito, contudo, Russell adotara o título de "Zion's Watch Tower Tract Society", "Sociedade Panfletária Atalaia de Sião". Em 1896 êste foi mudado para "The Watch Tower Bible and Tract Society", "A Sociedade Bíblica e Panfletária Atalaia". Em 1909 êle pensou que "People's Pulpit Association", "Associação Púlpito do Povo", soava melhor, e estabeleceu-lhe o quartel-general em Brooklyn, New York. Em 1909 retomou o título de "Watch Tower Bible and Tract Society", "Sociedade Bíblica e Panfletária Atalaia". Em 1914 a obra estava sendo continuada como "Internacional Bible Students' Association", "Associação Internacional dos Estudiosos da Bíblia".

As mesmas táticas foram adotadas na publicação de literatura. Em 1919 apareceu uma revista ilustrada, "The Golden Age" (A Idade de Ouro). Em 1937 essa mesma revista aparecia como "Consolation" (Consolação). Em 1946 o seu nome foi mudado para "Awake" (Despertar). Essas mudanças constantes forçaram aqueles que haviam refutado o movimento sob um nome a começarem tudo de novo; e, enquanto se agarravam a modas correntes, os Russellistas foram capazes de ganhar bastantes recrutas para ficarem firmemente estabelecidos.

Finalmente veio o seu nome atual e, em aparência, permanente. Em 1931 o juiz Rutherford decidiu que de então por diante os "Auroristas Milenares" seriam conhecidos como "Testemunhas de Jeová".

Nathan Knorr diz-nos agora que "Deus-Jeová é o Fundador e Organizador das Testemunhas nesta ter-

ra”, e que Ele próprio indicou esta denominação como “a designação apropriada dos seus ministros terrenos”. Certamente é estranho que o próprio Russell, o fundador do movimento, não tivesse tido conhecimento disto! Porque Russell morreu em 1916, quinze anos antes de ter sido feita esta descoberta. E de onde veio esta descoberta? Em 1931 o juiz Rutherford deu com o texto de Isaías (43, 10): “Sois as minhas testemunhas, diz o Senhor”.

Que Isaías, o profeta, tivesse em mente os Russellistas mais de 700 anos antes de Cristo, esta é uma suposição absurda para a qual não existe sequer um átomo de prova. Prevenindo essa dificuldade, Nathan Knorr protesta: “Nós não assumimos arbitrariamente êste nome dado por Deus”. Por que não? “Ora, nós estamos testemunhando, não estamos?”, é a resposta dêle. “O que nós estamos fazendo prova que o nome é aplicável a nós”. Mas que é que essa gente está testemunhando? Certamente não é a verdade revelada por Deus, como veremos. Se meramente testemunhar, sem importar aquilo que se testemunha, torna alguém mensageiro de Deus, então os Comunistas, que, com a sua propaganda mundial, são testemunhas por excelência em favor do Socialismo Marxista, têm mais direito do que os Russellistas a proclamarem uma incumbência divina. Mas Nathan Knorr simplesmente passa por cima destas dificuldades. “Deus”, escreve êle, “sempre teve as suas testemunhas. Abel primeiramente; depois uma longa linhagem desde Enoc, Noé, Abraão, Moisés, Jeremias, até João Batista. Assumindo preeminência sobre todos está Cristo, “a fiel e verdadeira Testemunha”, que designou as outras. “Se-reis minhas testemunhas até os confins da terra” (At 1, 8). As Testemunhas de Jeová são apenas as

últimas dessa longa linhagem de servos terrenos de Deus”.

Não há, por certo, prova nenhuma de que as Testemunhas de Jeová tenham qualquer ligação com as testemunhas anteriores mencionadas. Ademais, as suas doutrinas são uma contradição flagrante com os ensinamentos daquelas testemunhas anteriores.

CHARLES TAZE RUSSELL

Charles Taze Russell nasceu em Pittsburgo, Pensilvânia, em 1852, sendo filho de um vendedor de fazendas que mais tarde estabeleceu o seu negócio em Allegheny. Charles tornou-se um ardoroso trabalhador na Igreja Congregacional local, mas logo ficou obcecado com um oprimente horror do inferno e com as sombrias perspectivas que a teologia calvinista daquele tempo oferecia à massa da humanidade. Charles começou a escrever com giz em tôda sorte de lugares avisos sobre o inferno, para os incrédulos; e em 1869, com 17 anos de idade, procurou converter um ateuista com quem sucedeu encontrar-se. Mas o ateuista destruiu a própria fé de Russell, e este se tornou também um infiel. Nunca mais ele acreditaria no inferno!

Contudo, embora deixasse de freqüentar a igreja, Russell só não pôde deixar a sua Bíblia, e logo descobriu que podia crer na Bíblia sem crer no inferno — pela simples razão, diz ele, de que a Bíblia absolutamente não ensina a existência do inferno.

Aos 20 anos começou a pregar esta “boa nova”, e com o “não há inferno” como uma prancha muito atraente na sua plataforma, logo granjeou sectários. Vendeu o negócio de fazendas que herdara de seu pai, e em 1878 assumiu o título de “Pastor Russell”, fundando uma nova religião de sua autoria.

Tornou-se um prolífico escritor, primeiro haurindo suas idéias nas obras de J. H. Paton, de Michigan, E.U.A., publicadas sob o título de "Day Dawn", "Aurora Matutina". Russell proclamava essas idéias como doutrinas suas divinamente inspiradas, apenas substituindo o título "Aurora Milenar" por "Day Dawn", "Aurora Matutina". para distinguir o seu sistema do de Paton. Mais tarde mudou para o título, menos reconhecível, de "Estudos nas Escrituras".

Russell pretendia ter escrito livros mais explicativos sobre a Bíblia do que os escritos combinados de Paulo, João, Ario, Waldo, Wicleff e Martinho Lutero, os quais, segundo êle, foram os seis grandes mensageiros da Igreja anteriores a êle. Começou, como o fizeram os fundadores de tantas outras seitas Adventistas, com a idéia de que a Segunda Vinda de Cristo e o Juízo Final estavam às portas; e depois estendeu-se sobre tôda a Sagrada Escritura, pretendendo, como intérprete da revelação de Deus, uma infalibilidade muito além da pretendida por qualquer Papa. Os seus seguidores aceitaram-no como o "Sétimo Mensageiro" ou "Anjo" referido em Ezequiel IX, e sustentaram que êle se alinharia logo depois de S. Paulo na "galeria da fama", como expoente do Evangelho de Cristo, o Grande Mestre.

Entretanto, que espécie de homem era êsse Charles Taze Russell? Certamente era um perito em fazer dinheiro, ou no negócio de fazendas, até vendê-lo, ou por investimentos em minas e em bens imóveis, ou pela venda de seus livros, e de "trigo do milagre". Infelizmente êle foi forçado por via legal a devolver aos compradores o dinheiro que obtivera pelo seu trigo do milagre, sobre o fundamento de lhes haver sido êsse dinheiro desonestamente extorquido. Mas a honestidade não era a virtude predominante de Pastor

Russell. Sob juramento, no tribunal em Hamilton, Ontário, Canadá, em 1913, em abono das suas pretensões de ser um perito conhecedor da Escritura, êle declarou que sabia grego. Sendo-lhe dado um Novo Testamento em grego, êle viu-se forçado a admitir que nem sequer conhecia o alfabeto grego; e que não sabia nada de Hebraico ou de Latim, a despeito das suas pretensões de conhecer também estas línguas. Não saber tais línguas não é crime, certamente. Mas formular pretensões mentirosas a um conhecimento delas é coisa dificilmente conciliável com pretensões a ser um profeta de Deus; enquanto que fazer isso sob juramento é o pecado, ainda maior, de perjúrio.

Não menos indecoroso neste pretenso profeta foi o fato de haver-se sua mulher divorciado dêle em 1897 por acusações de adultério dêle com duas mulheres diferentes, uma estenógrafa e uma criada doméstica; e de havê-lo o juiz verberado, depois de conceder o divórcio, pelo seu geral mau trato para com sua mulher. Para evitar o pagamento da pensão alimentar ordenada pelo tribunal, Russell imediatamente transferiu a sua propriedade, do valor de mais de \$ 240.000, à "Watch Tower Bible and Tract Society", "Sociedade Bíblica e Panfletária Atalaia".

Russell morreu a 31 de outubro de 1916, num trem de Santa Fé, perto de Pampa, Texas, no seu caminho para Kansas City; e agora raramente é mencionado pelas Testemunhas de Jeová. Êste homem, que os seus sectários outrora afirmavam alinhar-se logo depois de S. Paulo na "galeria da fama", praticamente foi esquecido pela geração posterior dominada pelo seu sucessor.

J. F. RUTHERFORD

Pelo tempo da morte de Russell havia um homem chamado Joseph Franklin Rutherford que cumpria sentença de prisão na cadeia de Atlanta sob acusação de sedição durante a primeira guerra mundial que então lavrava. Esse homem, ao ser libertado da prisão, tomou sobre si o controle da organização Russellistas.

Rutherford nasceu em 1869, e formou-se em Direito em 1892. Escolhido para procurador da organização, foi bastante arguto para ver as possibilidades dela, e lançou a sua sorte com ela. Como presidente, desejou ser conhecido pelo título impressionante de "Juiz Rutherford", embora, oficialmente, nunca tivesse sido nomeado juiz. A sua forte personalidade pôs o movimento definitivamente em pé. Ele lançou livros e folhetos sem conta, para manter em andamento o negócio de publicações, ensinando novas doutrinas das quais Russell nunca tinha ouvido falar, e às vezes inteiramente opostas àquilo que o próprio Russell ensinara. Foi ele, como vimos, quem inventou, em 1931, o novo título de "Testemunhas de Jeová". A proeminência que ele deu ao slogan "Os milhões de pessoas que ora vivem nunca morrerão" trouxe o concurso de multidões para ouvi-lo onde quer que ele anunciava ir falar. Mas, ai!, ele não era um dos milhões fadados a não morrer.

A 8 de janeiro de 1942, o Juiz Joseph Franklin Rutherford deu adeus a este mundo na vila palaciana que construira em San Diego, Califórnia, como residência oficial enquanto esperava a volta do Senhor para julgar os vivos e os mortos.

NATHAN HOMER KNORR

Por morte de Rutherford, Nathan Homer Knorr foi eleito presidente da Watch Tower Organization (Organização Atalaia). Nascido em Bethlehem, Pennsylvania, em 1905, foi convertido aos Russellistas aos 16 anos de idade, por meio da leitura de algumas publicações da Watch Tower. Em 1913, aos dezoito anos, fêz-se pregador efetivo aos domingos, trabalhando como empacotador no quartel-general de Brooklyn nos dias de semana, e dedicando suas tardes ao estudo da Bíblia como interpretada por Charles Russell e Rutherford. Em 1932 tornou-se gerente geral dos escritórios de publicidade de Brooklyn; em 1934 foi eleito para a Diretoria; e em 1942 foi escolhido como sucessor de Rutherford, em cujo lugar ainda reina como supremo.

“O NOVO CRISTIANISMO”

As Testemunhas de Jeová concebem como seu primeiro dever o denunciarem tôdas as outras comunidades religiosas. Rutherford declarou que “a religião foi introduzida no mundo pelo Diabo”. “Por mais de três anos”, declamava êle, “Jesus continuou a proclamar a verdade e a advertir o povo contra a prática da religião”. “Porque a religião”, declarava Rutherford, “desonra e vitupera o nome de Jeová-Deus, ao passo que o Cristianismo honra e reabilita o nome de Deus Todo-poderoso. E’ por isto que os verdadeiros Cristãos são sempre perseguidos pelos religionistas”.

Daí resulta claro que Rutherford usa o termo “religião” em sentido todo seu. Solicitado a defini-lo certa ocasião, êle disse: “A religião é qualquer forma de culto praticado por criaturas em reconhecimento de algum “poder mais alto” real ou suposto, prática

essa que só acha apoio ou autoridade nos ensinamentos transmitidos pela tradição”. Que as doutrinas de Russell e de Rutherford não passam de ensinamentos de homens, a serem transmitidos entre as Testemunhas de Jeová por tradição, isto não parece ter-lhe ocorrido!

Solicitado a definir o Cristianismo, respondeu: “Cristianismo quer dizer o culto de Deus Onipotente em espírito e em verdade, de acôrdo com os mandamentos de Deus e os ensinamentos de Jesus Cristo. Quaisquer outros não são Cristãos. Não há coisa tal como “religião cristã”, porquanto religião e cristianismo são exatamente coisas contrárias e diametralmente opostas uma à outra”. O que, naturalmente, é absurdo.

Cristianismo é religião, e é a verdadeira religião como oposta a tôdas as falsas religiões — inclusive a das Testemunhas de Jeová, como se verá no correr dêste livrinho.

ÓDIO AS OUTRAS IGREJAS

Um dos principais deveres das Testemunhas de Jeová parece ser vomitar uma torrente de insultos contra tôdas as Igrejas cristãs, e particularmente contra a Igreja Católica. Isto, sem dúvida, não é um expediente novo. Todo pretenso fundador de uma nova religião tem tido de começar denunciando tôdas as religiões anteriores, do contrário como justificar a sua nova apostasia? Em 1860, justamente 12 anos antes de haver Russell pensado nisso, os Adventistas do Sétimo Dia tinham declarado que tôdas as Igrejas haviam sido enganadas por Satanás, através do Papado, na observância do domingo. Tôdas elas constituem “Babilônias” e são rejeitadas por Deus. Mas isto é particularmente verdadeiro da Igreja Católica,

presidida pelo “Anticristo” ou “Bêsta”, na pessoa do Papa.

Seguindo essa mesma linha, Russell dissera, em 1878, que Deus rejeitara tôdas as Igrejas existentes, constituindo os Russellistas, de então por diante, como os seus únicos porta-vozes. Porém Rutherford não gostou da admissão implícita de que as Igrejas estavam tôdas certas até Russell aparecer no cenário. Declarou que, depois da ressurreição de Cristo, o Demônio imediatamente pôs-se em obra e construiu um grande império, o Papado. Mais tarde, o Demônio inspirou a criação de várias Igrejas Protestantes — tôdas elas, inclusive os próprios Adventistas do Sétimo Dia. Todos os padres católicos e todos os clérigos protestantes são do Demônio, dizia Rutherford. São inimigos de Deus, e são simplesmente “Anticristos”. Nathan Knorr nos diz que, “por volta de 1881, crescentes divergências em crenças básicas haviam criado uma imensa brecha entre as Testemunhas e as Igrejas ortodoxas”. Essas “crescentes” divergências eram devidas à invenção, pelos Russellistas, de novas e inauditas doutrinas por eles mesmos forjadas durante o período de 1878 a 1881.

Entretanto, se tôdas as Igrejas devem ser estigmatizadas como um mal, que há de ser das próprias Testemunhas? Eles enfrentam esta dificuldade negando serem uma “Igreja” ou uma “Denominação”. Dizem que não podem achar na Bíblia justificativa para “Igreja” ou “Hierarquia” de qualquer espécie. Isto não impressionará ninguém que tenha algum conhecimento e compreensão real do conteúdo da Bíblia. Porque nesta há muita coisa que as Testemunhas de Jeová dizem que não podem achar, ao passo que muita coisa que nela eles pretendem achar, nela absoluta-

mente não está. Mas vejamos o que êles têm a dizer de si mesmos.

Pretendem êles ser os precursores enviados por Deus para prevenir os homens de um “Reino Teocrático” presentemente em elaboração. E só êles, de todos os homens neste mundo, pertencem a êsse Reino Teocrático.

DESLEALDADE CÍVICA

Insistindo em que só devem a sua lealdade a êsse Reino Teocrático, as Testemunhas de Jeová recusam aceitar os deveres da cidadania terrena. O mundo, dizem êles, está dividido em dois grupos opostos, o do “Reino Teocrático” e o da “Organização de Satanás”. A Organização de Satanás inclui tôdas as Igrejas e Governos. E, tal como entre as Igrejas o Papado é a “Bêsta” por excelência, assim também entre as nações o são a América e a Grã-Bretanha.

“Na formação da Côrte Mundial de Haia da Liga das Nações”, escreveu Rutherford, “a Grã-Bretanha e a América tomaram a chefia, e esta é a prova de que o Império Anglo-Americano é a bêsta de dois cornos” (“Light”, vol. II, p. 98). Os “Israelitas Britânicos” não gostariam disso, pois pretendem ter provado pela Bíblia que a Grã-Bretanha e a América formam entre si o povo escolhido de Deus! Mas podemos deixar os Israelitas Britânicos e as Testemunhas de Jeová resolverem essa questão lá com êles.

Enquanto isso, coerentemente com os seus falsos princípios, as Testemunhas recusam saudar a Bandeira de qualquer nação terrena, são objetantes conscientes de tôdas as formas de serviço militar, e dizem que só lutarão por Jeová e por seu povo — o que quer dizer pelas próprias opiniões dêles contra todos os que a elas se opõem.

Como consequência da sua recusa de cumprir a advertência do Novo Testamento: "Sêde, pois, sujeitos a tôda humana criatura por amor de Deus; se ao rei, como excelente; se aos governantes, como mandados por êle. Temei a Deus. Honrai o rei" (1 Ped 2, 13-17), muitas Testemunhas de Jeová têm sido multadas ou prêsas, enquanto que, na Austrália e na Nova-Zelândia, durante 1940, a sua organização foi declarada ilegal. O Procurador Geral da Nova-Zelândia disse, naquele tempo, que eles estavam-se dedicando ao "avilamento da religião, dos seus concidadãos, do Estado e do Governo".

COMPLEXO DE PERSEGUIÇÃO

As Testemunhas se queixam de serem perseguidas por causa das suas crenças religiosas, destarte de modo inteiramente incoerente com a sua negação de que o seu sistema constitua religião. Mas em qualquer caso a queixa dêles é injustificada. As pequenas seitas só entram em perturbação quando as suas práticas transgridem a decência comum. Se as Testemunhas constantemente estão se chocando com as comunidades em cujo seio vivem, é porque elas mesmas fazem vis e insultuosos ataques à religião dos outros, e se deleitam em linguagens da mais ultrajante deslealdade cívica.

"Em malícia consciente em grande escala", escreveu a revista americana "Saturday Evening Post" ao tratar dêste assunto, "nenhum outro agregado de Americanos compete com as Testemunhas de Jeová. Desprêzo daquilo de que os outros gostam é a comida diária dêles. Eles odeiam tôdas as religiões — dizem-no do alto das casas. Odeiam todos os governos com um entusiasmo que igualmente não é ocultado... Por

serem geralmente ofensivos, vêm tendo as cabeças quebradas, as reuniões interrompidas, as casas de reunião pilhadas e eles próprios metidos na cadeia”.

Nathan Knorr argumenta que a persistência das Testemunhas a despeito da mais severa perseguição, dos insultos, das pancadas, de candentes ultrajes, de prisão e até mesmo de morte, é nada menos do que uma prova segura e milagrosa da sua missão divina. Que o fanatismo e a obstinação pelos quais ele próprio explicaria o zelo temerário dos sequazes de Maomé poderia ser aplicado às próprias Testemunhas, isto não parece ter-lhe ocorrido. De certo, os mesmos incitamentos foram oferecidos a eles: um medo mortal de lhes suceder um mal maior se eles desanimassem diante de menores temores, e magníficas promessas de recompensas temporais se eles morressem pela causa dos profetas Russell e Rutherford!

UMA ORGANIZAÇÃO RELIGIOSA

Estranhamente em divergência com a sua denúncia de toda “religião organizada” de todas as “Igrejas”, “hierarquias” e “cleros”, está a própria formação, pelas Testemunhas de Jeová, de uma sociedade religiosa altamente organizada e hierárquica!

Na sua contribuição oficial para “Religion in the Twentieth Century” (A Religião no Século XX), Nathan Knorr começa a exposição do seu sistema asseverando que nenhum homem é chefe das Testemunhas de Jeová, de vez que “Jeová-Deus nomeou Cristo Jesus como chefe e comandante deles”. Mas declara que Cristo dirige os negócios por intermédio de uma “organização visível”, com quartel-general em Brooklyn, Nova York.

Na terra, o chefe visível dessa organização visível é o próprio Nathan Knorr. Ele está cercado de um Colégio

de Cardeais. A Diretoria nomeia todos os funcionários da Sociedade. No mundo inteiro há congregações locais chamadas "Companhias", que se reúnem em "Kingdom Halls". Mas cada "Companhia" tem "servos organizacionais" para inspecionar tôdas as atividades. Trabalhadores de campo efetivos, ajudados financeiramente pela Sociedade, são chamados "Pioneiros", e há para mais de 6.500 deles. Tôda Testemunha de Jeová ativa, é, entretanto, considerada "ministro ordenado e comissionado por Deus, e não pelo homem", e deve ir de casa em casa vendendo livros no território a ela designado pelos seus superiores oficiais.

Mas, se todos são ordenados, consagrados e comissionados por Deus, que é isto senão uma hierarquia ou uma corporação sagrada organizada com homens de autoridade divinamente dada e graduada? E como podem as Testemunhas de Jeová lançar o escárnio sobre a religião e sobre o clero das outras Igrejas, e ainda reclamar isenção do serviço militar sob o pretexto de serem todos "ministros de religião", como eles fazem? No tocante à "religião organizada", nenhuma Igreja tem govêrno mais centralizado do que eles. O "Year Book" (Anuário) para 1940, p. 47, consigna a lei:

"De trinta em trinta dias, todos e cada um dos ramos de serviço na terra... faz um relatório, por escrito, ao presidente da Sociedade, realçando em detalhe o trabalho realizado durante o mês. No fim do ano fiscal todos os ramos de serviço... submeterão, ao presidente, por escrito, um relatório cobrindo as atividades da Sociedade durante o ano".

GRANDES NEGÓCIOS

A menção de “ano fiscal” leva à consideração das atividades de negócio da organização.

O ataque à “religião organizada” vem mal de uma das sociedades religiosas mais altamente organizadas no mundo. Do mesmo modo, nunca houve alarido religioso tal como o da “Watch Tower Bible and Tract Society”, a qual declara que tôdas as outras Igrejas são “alaridos”, empenhados em “grandes negócios”.

O pastor Russell fundou a Sociedade como uma agência mundial publicadora e distribuidora para seus próprios escritos; e o juiz Rutherford continuou-a para o mesmo fim. Ela se tornou uma grande empresa de fazer dinheiro. A casa publicadora em Brooklyn despeja uma estupenda torrente de livros, folhetos e periódicos. Desde a I Guerra Mundial êles distribuíram mais de 485 milhões dêstes, escritos em mais de 80 idiomas diferentes.

O juiz Rutherford dizia que êsses livros e folhetos são vendidos a “pouco mais do que o seu preço de custo”, e que os “lucros desprezíveis” vão para a Associação Internacional dos Estudiosos da Bíblia. Numa média de lucro de um penny por venda, para mais de dois milhões de libras esterlinas foram recolhidos. Como o lucro médio seria de quatro pence, ou mesmo talvez de seis, um lucro de 10 milhões de libras no período mencionado seria a cifra mais próxima. Sábiamente, o “Year Book” (Anuário) diz que dados financeiros não são publicados porque os inimigos os usariam “para estorvar a obra da Sociedade”.

Uma coisa é certa. A despeito do seu vasto rendimento, a Sociedade não dedica nenhum dos seus recursos a quaisquer obras públicas de caridade. Acusado no inquérito da Comissão Americana de Rádio,

o Secretário Goux, dos Russellistas, admitiu que só a propriedade deles em Nova York valia para mais de um milhão de dólares, e que ele não podia dizer quanto valiam os bens gerais da Corporação. Mr. Sirovich, assistente da Comissão, perguntou: "Afora pregar, os senhores têm feito alguma coisa em favor dos pobres diabos que se acham economicamente privados de sustento, e em estado de inaninação e de fome, ou de penúria e necessidade? Os senhores têm tomado algum dêsse dinheiro para os ajudar?", e Goux respondeu: "Não é êsse o fim desta atividade. Essa não é a finalidade desta Associação. A incumbência confiada às Testemunhas de Jeová é levar testemunho ao seio do povo".

Para levar êsse testemunho, que significa distribuir os livrinhos de Rutherford, estão 22.304 vendedores viajantes chamados "Publicadores", que vão de casa em casa nos seus distritos designados. Essa gente, na maior-parte, trabalha de graça, estando ocupada durante a semana em emprêgo secular comum, e dedicando todo o seu tempo livre ao "serviço de campo". Nathan Knorr explica: "Pessoas sinceras, convertidas por literatura, engajam-se na obra de distribuição".

Ao se tornarem trabalhadores ativos, os neoconvertidos recebem um cartão de identificação para mostrar que são reconhecidos como "ministros de Deus". É um fenômeno psicológico que tantas pessoas crédulas possam ser assim enganadas e postas em condições de se tornar agentes voluntários em semelhante empresa. Mas nada é bem sucedido como o sucesso. Em 1919, em Cedar Point, Ohio, 8.000 Testemunhas reuniram-se em Convenção e "prontificaram-se a trabalho de publicidade". No mesmo lugar, em 1921, 20.000 Testemunhas aclamaram o slogan: "Anun-

ciem, Anunciem, Anunciem o Rei e o Reino". Em palavras mais prosaicas isso queria dizer: "Propaguem os ensinamentos de Rutherford e vendam os livros dêle". Em 1946, em Cleveland, Ohio, 80.000 Testemunhas ficaram cheias de similar entusiasmo.

Em tudo isso, a Watch Tower Bible and Tract Society nunca vem a perder. Distribuidores voluntários pagam os livros que recebem; e, se os dão, fazem-no à sua custa. Muitos desses distribuidores devolvem não só o preço inteiro dos livros, mas também donativos adicionais tirados dos seus próprios ganhos nos seus negócios seculares.

Outro fator técnico que contribui para ampliar as vendas é que, como os livros são oferecidos por um "donativo", e não "vendidos", não é necessária licença de vendedor ambulante, as vendas não são tributáveis, e o negócio pode ser feito aos domingos. Tudo foi engenhosamente planejado.

Por certo, as pessoas têm, primeiro, que ser convertidas à nova religião antes de trabalharem para ela com tal devotamento; e a religião a que elas foram convertidas devemos examiná-la agora mais de perto.

"CRISTÃOS DA BÍBLIA"

As Testemunhas de Jeová pretendem ser "Cristãos da Bíblia". Nathan Knorr diz-nos que "a Bíblia é a Palavra de Deus inspirada, comunicada aos que agora vivem nos últimos dias". Como é que êle sabe que ela é a Palavra de Deus, por Deus comunicada, e por que razão ela é mais para os que agora vivem nos "últimos dias" do que para os que viveram nas épocas anteriores, isto são assuntos que êle prefere não discutir. Tudo o que êle diz é que Charles Taze Russell não achou "nenhuma denominação cristã que en-

sinasse o que a Bíblia contém”, e por isso “começou um profundo estudo da Bíblia, particularmente concernente à Segunda Vinda de Cristo e ao Reinado Milenar”.

Infelizmente, o Pastor Russell, inspirado por Deus, se podemos dar crédito aos seus primeiros seguidores, não parece ter sido muito bem sucedido. Após a sua morte em 1916, o juiz Rutherford tomou a seu cargo e imediatamente começou a ensinar doutrinas muito diferentes das de Russell. Seguiu-se dissensão interna no movimento. Mas, segundo escreve Nathan Knorr, “Rutherford e os Diretores foram esmagadoramente apoiados. Derrotada e confundida, a força da oposição bateu em retirada e fundou uma organização independente”, fendendo-se “em muitos grupinhos de nenhuma conseqüência”.

O juiz Rutherford fica sendo, portanto, o profeta supremo do movimento, e a sua interpretação da Bíblia tornou-se os dogmas das Testemunhas. Quando as Testemunhas dizem que confiam no que a Bíblia diz, confiam naquilo que o juiz Rutherford lhes diz que ela diz. À Comissão Radiodifusora de 1934 o Secretário Goux disse, em favor da organização, que as explicações de Rutherford sobre a Bíblia não são opiniões humanas, e sim inspiradas por Deus. Francamente, as pretensões papais à infalibilidade são moderadas em comparação com essa!

Nas suas explicações da Bíblia, Rutherford não seguia princípios aceitos de interpretação, enquanto que de ciência crítica não conhecia absolutamente nada. Para apoiar as suas teorias êle tomava, quase ao acaso, qualquer texto que lhe agradava, e fazia-o significar o que quer que êle desejasse!

Contudo, seus discípulos insistem em que são “Cristãos da Bíblia”. Dizem que, enquanto não acreditam

na "Religião Cristã", acreditam no "Cristianismo". Eles têm um modo de falar todo seu, o qual é muito difícil de seguir; mas bastará mostrar que o sistema deles contradiz quase todos os ensinamentos básicos cristãos.

"JEOVÁ-DEUS"

Uma das primeiras peculiaridades com que deparamos nesta nova religião é o estranho uso da expressão "Jeová-Deus". Nathan Knorr queixa-se de que "as massas da Cristandade ainda não apreciam o fato de ser "Jeová" o nome de Deus".

Mas certamente Deus não tomou um nome para o distinguir de outros "deuses", como pelo seu prenome o próprio Nathan Knorr é distinguido de outros com o mesmo cognome! E nem sequer a palavra "Jeová" é verdadeiramente bíblica. Os autores originais do Livro Sagrado não souberam nada de tudo isto. Escreveram em hebraico a palavra "Javé", que literalmente queria dizer "Aquêle que é". Javé, portanto, era um nome alternativo para Deus, e não uma espécie de "nome cristão" para identificar Deus de entre outras divindades. "Jeová-Deus" é uma expressão não achada em parte alguma da Bíblia, e é uma combinação de palavras grotesca em extremo.

Ademais, no seu livro "Reconciliation", o juiz Rutherford nos diz que a "constelação das sete estrêlas que formam as Plêiades é o lugar do trono eterno de Deus — o lugar de habitação de Jeová". Que espécie de Deus é o de Rutherford, que habita numa estrêla? E como podem as Plêiades, não eternas em si mesmas, constituir o trono eterno?

A doutrina cristã da Trindade, Rutherford categoricamente a nega. Escreve êle: "Nunca houve doutrina mais enganosa sustentada do que a da Trindade.

Ela só pode ter-se originado numa única mente, e foi na mente de Satanás, o Demônio" ("Reconciliation", p. 101). Que o próprio Cristo haja incumbido os seus seguidores de "batizar em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo", isto não tem pêsso para Rutherford e seus discípulos. Eles abandonaram o Cristianismo pelo Unitarismo. Para eles, Cristo não é o Filho Eterno de Deus, nem o Espírito Santo é uma Pessoa Divina. Rutherford diz que o Espírito Santo é qualquer poder ou influência exercida por Deus. Porém Cristo falou do Espírito Santo como Pessoa. "O Espírito Santo", disse Ele, "*que* o Pai enviará em meu nome, *Ele* vos ensinará tôdas as coisas" (Jo 14, 26).

Olhemos, porém, um pouco mais de perto a doutrina de Rutherford sôbre Cristo.

CRISTO

Uma das questões mais vitais nos Evangelhos é esta: "Que pensais do Cristo? De quem é filho?" (Mt 22, 42). A ela os cristãos têm sempre respondido com a inabalável proclamação de fé: "E' o Filho de Deus vivo". Mas não assim as Testemunhas de Jeová.

Essas Testemunhas concordam em que Cristo existia antes de nascer neste mundo, mas dizem que êle mesmo era mera criatura — a primeira criatura feita por Deus e usada como instrumento para a criação de tudo o mais. Russell nos diz que Êle era "Miguel Arcanjo"! Quando, milênios depois da criação, essa criatura se fêz homem, a sua natureza foi completamente mudada, de angélica e espiritual, em material e humana. "Em obediência a Deus, êle deixou o seu ser espiritual e nasceu de Maria como um ser completamente humano". Aparentemente êsse foi o fim de Miguel Arcanjo, fato que S. João infelizmente es-

queceu quando escreveu o seu Apocalipse, pois ali êle tem Miguel ainda existindo lado a lado com Cristo, em quem Russell declarou que êle fôra transformado!

Mas prossigamos. Quando Cristo morreu na Cruz, consoante as Testemunhas, êle era meramente homem, e a sua morte foi o seu fim; completa e absolutamente o fim. Mas um “ente-espírito” emergiu do túmulo, para se tornar “um” deus, e não “o” Deus; o que aparentemente foi melhor do que ser meramente Miguel Arcanjo, que existira primeiramente.

Esta doutrina, de que Cristo foi três sêres sucessivos e independentes, Miguel Arcanjo, o homem Jesus e o semidivino rei do novo mundo, certamente não é doutrina cristã, seja lá o que fôr. A maioria da gente inteligente tê-la-á com razão como um fantástico contra-senso.

E que vem a ser do fato básico na religião cristã — a ressurreição de Cristo? “Se Cristo não ressuscitou”, diz S. Paulo, “vã é, pois, a nossa fé” (1 Cor 15, 17). As Testemunhas de Jeová negam que êle haja ressuscitado. Dizem: “O homem Cristo morreu para sempre”. Russell nos diz: “A Pessoa que morreu ficou morta, e nunca mais será vista na sua natureza humana”. E que foi feito do corpo dêle? Russell diz que ninguém o sabe. Êle sugere a possibilidade de se haver êle dissolvido em gases, ou de haver sido sobrenaturalmente retirado por Deus para ser preservado até que Êle resolva exibi-lo como um grande memorial ou troféu da obra de Cristo. Mas êle será apenas um cadáver material.

Mas nos é dito que não nos inquietemos. Se Cristo não ressuscitou no sentido cristão do têrmo, desde muito aceito, ressuscitou como “ente-espírito”, recebendo imortalidade e divindade como um dom de Deus. Tudo isso é muito ilusório. Se a “pessoa que morreu

ficou morta”, qual foi a pessoa que recebeu imortalidade e divindade? Se Deus criou um novo ser para gozar êsses privilégios, então êsse novo ser não foi Cristo, mas, sim, qualquer outro! Contudo Russell prossegue dizendo que, apesar de ter ficado morto, Cristo voltou aos seus discípulos, após a ressurreição, em separadas “aparências corporais” especialmente criadas para cada ocasião!

Na ascensão, Russell nos diz que Jesus, não mais humano, foi exaltado, como um “ente-espírito”, até à natureza divina; e que continua a ser um espírito invisível, já não tendo nenhuma ligação com a nossa natureza humana. Mas, se “a pessoa que morreu ficou morta”, Jesus já não é meramente mais humano — não está mais em existência! Pode Russell ser capaz de pensar de modo tão extravagante; mas não tem o direito de pretender que com isso está dando aos seus sequazes a genuína doutrina do Novo Testamento.

“A SEGUNDA VINDA”

Volvamo-nos agora para aquilo que realmente é o ponto de partida do sistema Russelista. Não é sem significação que êste comece pelo fim e opere daí para trás, em vez de procurar seguir a revelação divina na ordem em que Deus a deu. Porque, como vimos, Russell começou por se concentrar na Segunda Vinda de Cristo e no seu “Reinado Milenar”. Tendo sido decidida uma teoria a êsse respeito, tudo mais tinha de ser torcido para quadrar com ela.

Russell tirou dos Adventistas a idéia de estar iminente o fim do mundo. Por um misterioso processo de cálculo matemático baseado nas profecias, êle “descobriu” que a Segunda Vinda de Cristo realmente teve lugar em 1874. Se o povo não teve a mais leve idéia

disto, foi por ter sido desorientado pelos Atos 1, 11, onde é dito: “Este Jesus, que de vós é levado para o céu, virá como o vistes ir”. Diz Russell que os Apóstolos não o viram ir, pois Ele se foi invisivelmente, como um espírito. E, em 1874, voltou invisivelmente como um espírito. Mas ainda não a esta terra. Voltou somente ao “ar superior”. Em 1878, conforme Russell ainda descobriu, os apóstolos e outros membros do “pequeno rebanho”, uns poucos favorecidos, foram elevados para se encontrarem com o Senhor, e estiveram pairando com Ele também no “ar superior”.

Em 1914, pois isso se passava 2.520 anos após a derrota de Sedecias em 606 A. C., veio o “fim dos tempos dos Gentios”. Nesse ano, é-nos dito, Satanás começou a mover uma guerra ainda mais feroz contra Cristo e os santos no “ar superior”, e simultaneamente “nação se levantou contra nação” na terra, na primeira guerra mundial.

Russell acreditava firmemente que 1914 significaria a grande batalha final de Armageddon, o fim do mundo como o conhecemos, a descida de Cristo do “ar superior”, e a sua entronização como Rei na terra por um Milênio — mil anos após os quais teria lugar o Juízo Final.

Quando isso não aconteceu, as Testemunhas de Jeová, não desanimadas com o fracasso, adiaram o acontecimento várias vezes, para 1916, 1918, 1924, 1928, etc., até que Rutherford atinou com a engenhosa explicação de que a Segunda Vinda (ao “ar superior”) teve lugar como Russell dissera, em 1874. Cristo foi entronizado como Rei (no “ar superior”) em 1914; e nesse ano, juridicamente ao menos, o mundo como o conhecemos veio a um fim. De fato, e literalmente, a destruição final de todos os reinos e Igrejas terrenas na grande batalha final de Arma-

geddon foi adiada — até que as Testemunhas de Jeová tenham completado a sua obra de proclamar a boa-nova da entronização de Cristo, e de prevenir tôdas as nações da catástrofe iminente!

Aqui vemos outra vez quase as mesmas táticas adotadas pelos Adventistas do Sétimo Dia. William Miller, o Adventista, calculara que a Segunda Vinda de Cristo ocorreria a 21 de março de 1843. Quando isso falhou, êle disse que 21 de março de 1844 é que era a data correta. Êle cometera apenas um leve engano nos seus cálculos. Quando isso também falhou, êle adiou a data para 22 de outubro de 1844. Mas, ai! nada aconteceu. Então surgiu um Adventista chamado Hiram Edson, que dizia ter-lhe sido “divinamente revelado” que Cristo tinha vindo finalmente nessa última data, mas não voltando a êste mundo. Nessa data êle entrou num “santuário celeste” para começar a investigar os registos de tôda a humanidade, a fim de verificar quem era bom e quem era mau. Mrs. Ellen G. White, a profetisa aceita do movimento, descobriu que logo que Cristo houver acabado de examinar os livros no “santuário celeste”, descera à terra para executar o juízo — e êste terá lugar a qualquer momento agora!

Laborando sôbre as mesmas linhas, Rutherford recusa dizer justamente quando é que Deus decidirá que as Testemunhas de Jeová terão completado a sua obra testemunhal — mas será a qualquer momento agora! Êle foi mesmo bastante longe, afirmando que seria dentro do tempo de vida da sua própria geração. Daí o seu slogan: “Milhões de pessoas que ora vivem nunca morrerão”.

E’ de pouca utilidade chamar a atenção das Testemunhas de Jeová para a série de fracassos nas predições dos seus profetas inspirados. Quando o fim do

mundo não veio na data, e quando Russell morreu em 1916 em vez de viver para vê-lo, como esperava, Rutherford ofereceu aos seus sectários o pensamento consolador de que, assim como Ezequiel ficou mudo por um ano, cinco meses e vinte e seis dias, assim também um período similar, após a mudez de Russell na morte, poderia decorrer antes do fim. Vinte e seis anos decorreram, e então o próprio Rutherford morreu em 1942, em vez de ficar entre os milhões que viveriam para ver o fim.

Porém pequenos detalhes como êsse não podem prevalecer, junto às Testemunhas de Jeová, contra o magnífico plano total no qual todos os outros devem receber uma sova tremenda, ao passo que êles próprios devem ser preservados do mal e elevados à eterna bem-aventurança como co-dirigentes do mundo com Cristo!

ARMAGEDDON

A batalha de Armageddon, que as Testemunhas de Jeová interpretam literalmente sem qualquer concessão para o simbolismo apocalíptico, começará a qualquer momento agora, a despeito de ter sido estranhamente demorada por perto de quarenta anos. O embaraço é, aparentemente, que Satanás ainda não teve tempo suficiente para aumentar tôdas as desgraças ao grau intenso predito pela Escritura para o período de transição.

Sem embargo, os sinais dos tempos obviamente indicam que a medida-cheia foi praticamente atingida. Cristo, com as suas hostes, não tardará a descer do "ar superior", e num grande cataclismo o mundo inteiro será purificado de toda maldade e de todos os malfeitores, só sendo achada salvação dêle na organização de Deus — a das Testemunhas de Jeová. E que será então?

O MILÊNIO

No Livro da Revelação (Apocalipse), 20, 6, S. João fala de Cristo reinando por “mil anos”. A verdadeira interpretação dessa expressão, acorde com o caráter total do livro, deve ser simbólica e não literal ou numérica. Ela significa simplesmente “por um longo período”, e refere-se ao intervalo total entre o nascimento de Cristo neste mundo e a sua Segunda Vinda para julgar os vivos e os mortos.

Russell e Rutherford, entretanto, assim não querem. Tomam o Milênio literalmente, e declaram que a Segunda Vinda de Cristo precedê-lo-á. Quando Cristo vier de novo, será para reinar exatamente por mil anos nesta terra; e depois virá o Juízo Final. Há aí uma ligeira confusão quanto às datas. Algumas Testemunhas dizem que, uma vez que Cristo veio de novo em 1874, o Juízo Final será no ano 2.874; mas outras dizem que não, e que o período será de 1914 até 2.914.

Russell aparentemente sustentava que deverá haver sete milênios. O ano de 1874, segundo êle, foi exatamente o 6.000.º ano da criação de Adão. Que os geólogos tenham descoberto restos humanos pertencentes às Idades Neolítica e Paleolítica, as quais datam de pelo menos 20.000 anos atrás, isto era desconhecido para êle, e não o teria incomodado se êle o conhecesse. Porquanto êle não permitia que evidência de qualquer espécie interferisse com as suas teorias. Devia haver seis milênios, para corresponderem aos seis “dias de trabalho” da criação; e devia haver um sétimo, como o “Sabbath” dos milênios, e o último dêles.

Visto que o Senhor já voltou — invisivelmente —, está desde agora governando o mundo no “Reino Mi-

lenar”, e usando as Testemunhas para publicar o fato. O “Reino Teocrático” chegou. Mas a plenitude do reinado de Cristo não pode vir senão depois de Armageddon, a batalha entre Cristo e seus inimigos, a qual tem sido tão estranhamente adiada.

Depois de Armageddon, conforme Russell, todos os mortos que já viveram serão ressuscitados para a vida, e ser-lhes-á dado um segundo período probacionário sob condições muito mais favoráveis, com Satanás jungido e uma contínua campanha evangelística para os ajudar a fazer a escolha certa.

Mesmo na base de 6.000 anos de história erradamente sustentada por Charles Russell, isso significaria mais 250 milhões de pessoas nesta terra simultaneamente, cobrindo-a tão densamente que nem todos poderiam sentar-se juntos! Tendo tido a sua atenção chamada para o absurdo disto, os sucessores de Russell agora dizem que nem todos os que já viveram retornarão, mas somente aqueles “fiéis” que não foram tão incorrigivelmente maus a ponto de perderem qualquer direito a uma segunda mudança. Estes últimos ficarão justamente no seu estado de aniquilamento.

NEGAÇÃO DA IMORTALIDADE

A doutrina de aniquilamento na morte leva ao problema da natureza da alma humana. De acordo com Russell e com seus sequazes, o homem não “recebeu” uma alma; “é” uma alma. E a sua alma é o seu corpo. Quando um corpo de homem morre, a sua alma cessa justamente de existir. Não há alma espiritual, imortal por sua própria natureza. “A morte”, diz Russell, “significa aniquilamento total. Não há almas em qualquer parte esperando ressurreição. Nenhum ser humano que já viveu e morreu existe mais”.

Russell não se impressionou com nenhuma das referências, na Escritura, à realidade da vida, após a morte, dos Patriarcas e Profetas, tais como Abraão, Moisés, Elias, Samuel e outros. Quando contradito com as palavras de Cristo ao ladrão moribundo: “Em verdade te digo — hoje mesmo estarás comigo no paraíso”, êle disse que a leitura conveniente do texto grego é: “Em verdade te digo neste dia — estarás comigo no paraíso”. Com todos os eruditos gregos do mundo contra si, êsse homem, que não conhecia nem sequer o alfabeto grego, diz-nos que o grego queria dizer isso!

Mas, com base nos próprios princípios de Russell, como pode êle sustentar que haverá um dia ressurreição de quem quer que seja? Não há ninguém para ressuscitar! A ressurreição não significa extinção e nova criação. Sêres completamente inexistentes não podem receber corpos como antes. Se os mortos estão completamente fora de existência, os sêres de novo existentes serão sêres completamente diferentes, e não aqueles que anteriormente viveram!

Contudo, em vez de dizer: “Já que as Testemunhas de Jeová acreditam na ressurreição, acreditam que o homem possui uma alma imortal”, Nathan Knorr diz, inconseqüente, justamente o oposto. Argumenta que precisamente por crerem na ressurreição é que êles não crêem que o homem possua uma alma imortal! Todavia, embora nós não existíssemos para voltar, segundo as doutrinas das Testemunhas de Jeová, todos nós vamos voltar, para têmos a nossa segunda mudança durante o Milênio — a menos, é claro, que estejamos entre os “milhões que ora vivem e que nunca morrerão”.

A SEGUNDA OPORTUNIDADE

Durante o “Milênio”, então, no “Reino Teocrático”, aos homens será novamente oferecida uma vida eterna, nas condições da Nova Aliança. Esta vida atual não é a nossa única provação. Não obstante o fato de em parte alguma na Bíblia ser oferecida esperança para qualquer nova provação após a morte; não obstante o ensino expresso da Escritura de que “escrito está que o homem morra uma só vez, e depois da morte o juízo” (Heb 9, 27); não obstante a evidente finalidade do aviso de Nosso Senhor: “Esta noite tua alma ser-te-á pedida” (Lc 12, 20), as Testemunhas nos dizem que nós havemos de ter nossas vidas de todo modo outra vez, e que nada daquilo que teve lugar nesta vida atual vai valer. Tudo dependerá do modo como procedermos sob as condições milenares, condições muito melhores.

Como o “Milênio” já começou, poder-se-ia pensar que já estamos vivendo sob essas condições! Mas as coisas não têm vindo correndo tão pontuais. Sem embargo, logo que as Testemunhas de Jeová hajam testemunhado suficientemente, Armageddon estará sobre nós, terá lugar a ressurreição dos mortos, e todos os homens estarão no caso de experimentar outra vez.

JUIZO

No fim do Milênio, em 2.874 ou 2.914, virá o Juízo Final. Então Deus estabelecerá o seu novo mundo de justiça, e reabilitará completamente o seu nome. Satanás, que esteve aprisionado durante os mil anos, será solto para espalhar o mal por meios astuciosos. Então todos serão tentados e provados.

Os que sobreviverem com êxito a esta provação final serão divididos em duas classes.

A primeira classe, chamada a “Classe Consagrada”, ou a “Classe Vitoriosa”, será um “pequeno rebanho”, limitado a 144.000, conforme declarado no Apocalipse. Estes irão, como entes-espíritos, para o ar superior, para viverem e reinarem com Cristo o divino, num reino não dêste mundo. Terão vida “inerente”, eterna e emancipada da necessidade de todo alimento ou nutrição. Desnecessário é dizer que todos estes serão Testemunhas de Jeová, embora quais as Testemunhas de Jeová que compartilharão essa “glória celeste” com Cristo constitua uma ansiedade para o mais de um milhão de membros atuais da organização!

A segunda classe constará de todo o resto dos salvos. Estes serão deixados naquela carne e sangue que não pode herdar o Reino do Céu. Esta terra será a eterna morada deles. “O justo governo do Reino celeste”, escreve Nathan Knorr, “descerá para a terra e efetivará a resposta à prece: Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu”. Os salvos na terra constituirão as “outras ovelhas” como oposto ao “pequeno rebanho” dos lugares celestes. Cumprirão o plano de Deus para estender as condições edênicas por toda a terra, e terem esta habitada por uma justa raça de homens e mulheres; e nêles será cumprida a promessa de Deus, de possuírem os mansos a terra, para ser a herança deles. Estes não terão vida “inerente”, mas viverão de alimento da terra numa paz perdurável, livres de guerra, opressão, doença e morte. E crescerão e se multiplicarão e povoarão a terra. Mas o que resultará de uma constante multiplicação de seres humanos neste mundo, sem morrer ninguém, isto pode apenas ser deixado à imaginação do leitor!

E que será dos que não sobreviverem com êxito à sua prova final? Serão aniquilados, juntamente com

o Diabo e todos os seus anjos. As Testemunhas de Jeová negam todo sofrimento em outra vida. Os mortos, dizem êles, são inexistentes; por isto não há purgatório. No Juízo Final, os voluntariamente maus serão exterminados; portanto não há inferno. Quando a Bíblia fala do inferno, no entender dêles isso significa apenas o túmulo. Qualquer inferno de castigo eterno é puro mito.

SEGRÊDO DO ÊXITO

Esta breve vista de olhos no inconsistente e quase incoerente sistema de religião inventado pelo Pastor Russell, e ampliado e modificado de muitos modos pelo juiz Rutherford, deixa a gente se perguntando como é que êle faz para medrar. As Testemunhas de Jeová dirão que o fato do seu crescimento seguramente fala em favor da verdade dêle. Mas outras seitas com doutrinas totalmente diferentes, e entretanto de similar expansão, teriam de ser admitidas como verdadeiras por essa razão. Por isto devemos olhar para qualquer outra parte em busca de explicação.

Em primeiro lugar, não deve passar despercebido que as Testemunhas de Jeová fazem o seu apêlo principalmente aos cristãos professos que se divorciaram das suas Igrejas, e que pouco ou nada sabem da doutrina cristã. Quando esta gente ouve denunciadas as Igrejas que ela abandonou, acha positiva consolação no pensamento de que, não êles próprios, mas sim as "Igrejas", é que devem ser censuradas pelo desprezo da religião. Então o seu tardio apêgo a um vago sentimento cristão fá-la escutar simpaticamente os reclamos feitos pelos agentes da "Associação Internacional dos Estudiosos da Bíblia" de que o que é preciso é um retôrno à cristianismo bíblico. E essa gente sabe

tão pouco da sua religião, que deixa de avaliar quão oposta aos ensinamentos de Cristo é a zombaria da Bíblia posta diante dela pelas Testemunhas em nome da "verdade".

Em segundo lugar, entre êsses cristãos decaídos, além da ignorância reinam muito a credulidade e a superstição. Algarismos do Departamento de Justiça nos E.U.A. indicam que menos de um por cento das Testemunhas de Jeová tiveram educação secundária; enquanto que quinze por cento tiveram menos do que educação primária normal. A credulidade e a superstição moveram-nas a aceitar, sôbre a autoridade de Charles Taze Russell e do juiz Joseph Franklin Rutherford, aquilo que lhes foi oferecido.

Em terceiro lugar, êles foram dispostos para isso pelas condições do mundo, pela sua própria consciência perturbada e pelo seu orgulho inato. Um dos maiores capitais das Testemunhas de Jeová tem sido o fracasso do progresso científico para produzir a Utopia. A pobreza e insegurança do mundo têm feito muitas pessoas das classes mais pobres agarrar-se à idéia da próxima volta de Cristo, com uma conseqüente paz e segurança. A própria consciência dêles, conturbada por causa do desprezo dos seus deveres para com Deus, tem sido consolada pela nova doutrina de não haver inferno. Ingersoll, é verdade, denunciara a idéia do inferno. Mas êle era um infiel, e dificilmente podia merecer confiança. Contudo, houve mestres vindos de Deus que lhes asseguravam, em nome da religião, que o inferno não existe. Segurança tal não podia deixar de solicitar tal gente.

Enquanto isso, a constante repetição de ameaças extravagantes acêrca da sorte temível a sobrevir em breve à cristandade, para escapar à qual a pessoa tinha sômente era que se fazer Testemunha de Jeová e de-

dicar-se a vender folhetos, teve um efeito adicional. E' um fato que o temor da bomba atômica na América deu uma nova ufania às Testemunhas de Jeová, imaginando muita gente que o fim do mundo e Armageddon estavam realmente à mão.

Nem devemos desdenhar o sutil apêlo ao orgulho e à cobiça; o orgulho de conhecer, como os Gnósticos de antanho, doutrinas esotéricas e ocultas que os maiores teólogos cristãos deixaram de compreender; o orgulho de se tornarem senhores do mundo, triunfando como uma espécie de proletariado religioso sôbre os capitalistas religiosos que permaneceram fiéis aos tesouros espirituais que eles mesmos haviam abandonado.

Estas e muitas outras razões respondem pelas conversões às Testemunhas de Jeová. Mas a verdade certamente não responde.

ESTIMATIVA

Qual deve, pois, ser a nossa estimativa desta nova religião? Podemos considerá-la como outra coisa senão como uma contrafacção absurda, falsa, blasfema e extremamente perigosa do Cristianismo?

O absurdo de todo o triste esquema, tão completamente indigno de um Criador infinitamente sábio, seguramente é evidente por si mesmo. As predições de Russell e de Rutherford, profetas automeados do movimento, provaram-se falsas vez por vez, forçando-os a recorrer a subterfúgio após subterfúgio. Em vez dos Credos do Cristianismo, que incorporam a "fé uma vez por tôdas transmitida aos santos" (Judas, 3), é-nos dado um novo credo, um credo de novidades e falácias mortais. As doutrinas da SS. Trindade, da Divindade de Cristo, da Personalidade do

Espírito Santo, da ressurreição corporal de Cristo, e da Igreja como por Ele estabelecida, tôdas são clamorosamente negadas. O ensino do Novo Testamento sôbre a Eucaristia e os Sacramentos é ignorado como se nem sequer existisse. A imortalidade da alma humana é rejeitada.

As doutrinas positivas desta esdrúxula religião — pois só assim pode ela ser com razão descrita — são ridículas em extremo. Que pessoa sensata poderia crer que Cristo, embora não houvesse ressuscitado dos mortos, foi suplantado por algum “ente-espírito” recém-criado que era “um” deus”, mas não “o” Deus, e que voltou ao “ar superior” dêste mundo, para ser ali entronizado como Rei, em 1874? Quem poderia crer que ali Ele — ou êsse ente substituto — está esperando até que as Testemunhas de Jeová hajam testemunhado suficientemente os planos dêle, quando então êle descerá para a grande batalha final de Armageddon e para um reinado milenário de mil anos sôbre esta terra, depois do qual converterá esta terra num eterno paraíso material?

Espiritualmente, o sistema inteiro é uma completa bancarrota. Uma pessoa lerá tôda a onda de literatura publicada por essa organização Russell-Rutherford, sem achar qualquer inculcação das virtudes básicas cristãs de humildade, de arrependimento do pecado ou de caridade. Nenhum amor genuíno de Deus ou do próximo acha expressão nela. Não há ênfase sôbre formação do caráter, sôbre autoconquista, sôbre a necessidade de carregar a própria cruz e seguir a Cristo Nosso Senhor. A suprema mensagem dessa caricatura de Cristianismo é: “Leia, creia, e venda os livros de Russell e de Rutherford, fale de Deus como de “Jeová”, e de tôdas as Igrejas e Governos como de “Anticristos” — faça isto, e será salvo!”

A própria doutrina dêste sistema, de que se pode pecar com impunidade nesta vida, não pode senão incentivar a maldade, a imoralidade, e a depravação. “Deus nunca castiga, nem nesta vida nem na outra”, declarou Russell, apesar de ser a lei de retribuição insistentemente inculcada no correr de tôda a Sagrada Escritura. Por mais mal que a gente proceda nesta vida, segundo as Testemunhas de Jeová, isto realmente não importa, uma vez que as nossas escolhas morais agora não têm qualquer efeito sôbre o nosso futuro eterno. Todos são aniquilados na morte, e não há purgatório, não há inferno. Se, como diz Russell, todos devem ser ressuscitados e ter uma segunda oportunidade, tudo dependerá de como procedermos então, e não de como procedemos agora. As Testemunhas de Jeová dizem mesmo que, quanto mais mau um homem foi nesta vida, tanto mais provável é tornar-se bom na outra! E, mesmo se não se tornar tal, êle apenas será, sem sofrimento, pôsto fora de existência, para não experimentar quaisquer más consequências futuras do seu acintoso desafio a Deus.

Ninguém que conserve algum respeito real pela Sagrada Escritura, por Deus, por Cristo, por seus irmãos, pela sua própria dignidade e inteligência humana, pode fazer outra coisa senão rejeitar completamente essa religião contrafeita inventada por Charles Russell e Joseph Rutherford, e tão pateticamente propagada pelas suas iludidas Testemunhas de Jeová.

1

2

O INCRÍVEL CREDO

DAS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

E' sempre para deplorar que, consciente ou inconscientemente, os ensinamentos de qualquer religião sejam mal apresentados por críticos a êles não simpáticos. Contudo, nem sempre é possível fazer justiça à religião dos outros de modo satisfatório para todos os seus adeptos. Isto é verdadeiro sobretudo das crenças religiosas das Testemunhas de Jeová, que despejam uma torrente tão infindável de livros e folhetos, que a gente se sente praticamente defrontado com um oceano de "confusão impressa". A tarefa de descobrir os principais postulados dêles, para não falar de sujeitar os seus ensinamentos a uma análise raciocinada, é o bastante para encher uma pessoa de desespero. Talvez seja por isto que tão poucos têm tentado um estudo doutrinário do sistema teológico dêles.

Sem embargo, alguma consideração pormenorizada dos seus ensinamentos é urgentemente necessitada. O escritor dêste livrinho fez investigações quase desesperadas, partidas de muitos ângulos, para saber onde podia ser obtido um exame detalhado das pretensões desta nova seita, à luz da Bíblia. Porquanto, no seu proselitismo agressivo, os membros da organização Testemunhas de Jeová estão fazendo todo o possível

para induzir os adeptos de outras Igrejas cristãs a ingressarem nas suas fileiras, iludindo-os com literatura, enchendo-lhes de folhetos as caixas de cartas, e desorientando muita gente boa e simples que justamente é incapaz de resistir a uma torrente de textos bíblicos que, por tudo o que eles sabem, podem significar tudo ou nada.

Entretanto, o propiciamento de um estudo das doutrinas dêles dentro de um breve âmbito tornou-se finalmente possível pela publicação, feita pelas próprias Testemunhas de Jeová, de um sumário razoavelmente conciso dos seus ensinamentos, sumário êsse intitulado: *“Que é que crêem as Testemunhas de Jeová?”* — folheto publicado pela “Watch Tower Bible and Tract Society” (“Sociedade Bíblica e Panfletária Atalaia”).

Esta declaração oficial apela para os seus leitores, dizendo: “Por que escutar fontes prevenidas sôbre aquilo que as Testemunhas crêem? Deixe que as próprias Testemunhas lho digam!” Será um grande alívio fazê-lo, porque afinal nos é dado algo tangível e autêntico de que tratar.

“ESCRIBAS E FARISEUS”

Começa o documento apaziguadoramente com um apêlo à equidade. “De vez em quando”, é-nos dito, “um escritor religioso discute as crenças das Testemunhas de Jeová. Todavia, dado o tom inamistoso e crítico dessas discussões, seria um engano esperar obter delas uma descrição acurada daquilo que as Testemunhas de Jeová realmente crêem”. Há nisso alguma coisa real, embora daí necessariamente não se siga que um não tenha acuradamente exposto as dou-

trinas dos outros por não ser favoravelmente impressionado por elas e por criticá-las. Mas, como aqui estamos considerando as doutrinas das Testemunhas de Jeová como expostas por eles mesmos, eles já não terão lugar para queixas sob êsse ponto de vista.

Imediatamente, e tipicamente, começam eles jogando com a espada de dois gumes da Escritura, de um modo que é uma “petição de princípio”, se alguma jamais houve. Dizem eles: “Não haveríamos de esperar obter dos Escribas e Fariseus uma correta descrição daquilo que Jesus creu; haveríamos?” A futilidade, para os propósitos deles, dessa ilustração tirada da Bíblia pode ser imediatamente vista se posta às avessas. Porque sem dúvida o próprio Jesus adotou um “tom inamistoso e crítico” ao discutir os ensinamentos dos escribas e fariseus. “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas”, disse êle uma e mais vezes (Mt 23, 13-15). Não é lá muito amistoso! Êle denunciou as doutrinas deles e ordenou aos seus discípulos: “Cuidado com o fermento dos fariseus” (Mc 8, 15). Certamente uma atitude crítica! Dirão, por isto, as Testemunhas de Jeová que não poderíamos esperar obter do próprio Jesus “uma descrição acurada” daquilo que os escribas e fariseus criam?

A ilustração bíblica empregada pelas Testemunhas bem poderia ser, com a mesma felicidade, aplicada em detrimento delas tanto como em detrimento daqueles contra os quais eles pensam usá-la. O valor dela depende inteiramente da natureza das doutrinas que eles ensinam, e por isto as doutrinas devem ser fixadas antes de podermos admitir que as Testemunhas de Jeová estão justificadas de alinhar-se com Cristo como mestres da verdade, e os críticos delas com os inescrupulosos escribas e fariseus.

O DEUS DAS TESTEMUNHAS

A exposição oficial das crenças fundamentais das Testemunhas de Jeová abre-se com uma declaração da doutrina dêles sôbre Deus. Dizem-nos êles: "Já que há muitos "deuses" e muitos "senhores", o verdadeiro Deus tem um nome pessoal para o distinguir de todos os outros deuses".

Aqui temos o que vale por uma positiva profissão de "monolatria", ou idolatria restrita ao culto de um só dos "deuses" pagãos. Os Cristãos são monoteístas; isto é, crêem num só Deus e rendem culto a um só Deus. Para êles não há outros "deuses". Os antigos pagãos eram politeístas, adorando muitos pretensos "deuses", e não sabendo nada do verdadeiro Deus. Os seus sistemas religiosos eram idólatras. Vêm agora à cena as Testemunhas de Jeová e, enquanto falam do "verdadeiro Deus", classificam-no como apenas um de tôda uma chusma de "deuses", e necessitando ser distinguido dêstes por um nome pessoal. E' como se, percorrendo colunas dedicadas ao nome "Brown" num catálogo telefônico, alguém tivesse de procurar iniciais pessoais, tais como "J. K." ou "H. W." Brown, para se certificar de ter achado o Brown certo.

A conclusão só pode ser que as Testemunhas de Jeová são politeístas, visto falarem da existência de tôda uma chusma de "deuses", mas que o seu sistema é um sistema de monolatria, visto êles reservarem o seu culto para um só dêsses "deuses". Êsse culto idolátrico de um falso "deus" não é o culto do verdadeiro Deus conhecido quer por Judeus quer por Cristãos. E, para aquêles que realmente crêem no Deus verdadeiro, não é sem blasfêmia escolher assim um de todo um bando de falsos deuses e chamar-lhe o "verdadeiro Deus", como o fazem as Testemunhas de Jeová.

Mas qual é o nome pessoal que distingue o Deus dêles de todos os outros deuses? Dizem-nos êles que êsse nome deve ser achado no Salmo 83, 18, onde lemos: "Só tu, cujo nome é Jeová, és o Altíssimo sôbre tôda a terra". Por isto êles declaram que o nome da sua divindade é "Jeová-Deus", nome pessoal que o distingue dos outros deuses, como aparentemente "James K. Brown" é distinguido de "Harold W. Brown" no catálogo telefônico!

O NOME HEBRAICO

Sem dúvida as Testemunhas responderão que falam do Deus que se revelou na Bíblia. Pois não citaram a própria Sagrada Escritura quanto ao nome "Jeová"? Mas aí das penas da ignorância! Na realidade êles não fizeram tal. Porquanto a palavra "Jeová" é simplesmente uma má tradução achada nas Bíblias Protestantes. Tal palavra não ocorre no texto original da Escritura. Deus nunca se deu tal nome, nem nunca pediu que lho dessem.

A palavra hebraica no Salmo 83, 18 (Versão King James. A Vulgata, Sl. 82, 19, traz Altíssimo), mal traduzida nas Bíblias protestantes como "Jeová", é "Javé", significando "Aquêle que é". A idéia, pois, de que a palavra "Jeová", inexistente em hebraico, é o nome pessoal, divinamente revelado, que distingue um deus particular de tôda uma chusma de outros deuses, é inteiramente sem fundamento escriturário.

Pensando confirmar o seu estranho ensinamento, as Testemunhas então afirmam que, "referindo-se a Abraão, Isaac e Jacob, Deus disse a Moisés (Êx 6, 3): "Mas por meu nome Jeová fui conhecido dêles". Mais uma vez, entretanto, Deus não disse tal coisa a Moisés. Nenhum inspirado escritor da Sagrada Escritura

usou jamais a palavra “Jeová”. O texto hebreu dizia: “Por meu nome Javé eu era conhecido dêles”. Abraão, Isaac e Jacob haviam conhecido o Ente Supremo como “El Shaddai”, que quer dizer “Deus Onipotente”. A Moisés o título “Javé” foi revelado, não como um nome pessoal, no nosso sentido moderno do termo, mas antes como uma descrição da natureza de Deus; porque êle significa “Aquêle que é”, no sentido de que Deus é o Ente Supremo Existente por si mesmo.

Ainda pensando no seu amado termo “Jeová”, as Testemunhas mergulham mais a fundo no seu mar de erros quando vão beatamente até a declarar que Jesus tornou êsse nome conhecido aos seus seguidores, e então citam João 17, 6: “Manifestei o vosso nome aos que me destes”. A verdade é que Jesus nunca usou, nem seus discípulos jamais ouviram falar, do termo “Jeová”. Essa palavra, que absolutamente não é palavra hebraica, surgiu de uma leitura errônea da palavra hebraica “Javé”, à qual as letras vogais da palavra hebraica “Adonai”, que quer dizer “o Senhor”, haviam sido atribuídas pelos escritores judeus. Num espírito de profunda reverência, quando quer que depavam com a palavra sagrada “Javé”, os Judeus, de preferência a pronunciá-la, substituíam-na pela palavra “Adonai”. Ora, as letras vogais para os fins da escrita hebraica não haviam sido inventadas *até uns seis séculos depois de Cristo*, e a leitura errada delas, levando à idéia errônea de “Jeová”, não era possível antes que elas existissem. A palavra “Jeová”, pois, nunca saiu dos lábios de Cristo, e foi inteiramente desconhecida dos seus seguidores imediatos. E, em todo caso, as palavras de Cristo: “Manifestei o vosso nome” não fazem referência a nenhum “nome” específico, mas significam: “Revelei-lhes a vossa “natureza” como *seu* Pai tanto como *meu* Pai”.

Rematada loucura é, pois, dizer-nos êsse documento oficial: “Semelhantemente, as Testemunhas de “Jeová” tornam conhecido hoje em dia o nome de Jeová: “Sois minhas testemunhas, diz Jeová, e eu sou Deus” (Is 43, 10-12). Também Isaías nunca ouvira falar da palavra “Jeová”. Nem Deus, em cujo nome Isaías falava, jamais pediu que as pretensas “Testemunhas de Jeová” fôsem suas testemunhas. O texto de Isaías de modo algum se aplica a esta seita moderna fundada na América no século XIX pelo ex-Congregacional Charles Taze Russell. As únicas palavras bíblicas que podem com razão ser aplicadas às “Testemunhas de Jeová” são as do próprio Nosso Senhor: “Surgirão pseudo-Cristos e pseudo-profetas... para enganar, se possível, até mesmo os eleitos” (Mt 24, 24).

NEGAÇÃO DA DIVINDADE DE CRISTO

Volvendo-se em seguida para o assunto do próprio Cristo, as Testemunhas declaram que a primeira criação de Jeová foi seu Filho, “a fiel e verdadeira testemunha, o começo da criação por Deus (Apoc. 3, 14), “o primogênito de toda a criação” (Col 1, 15). Mas nenhum dos textos citados apóia a pretensão deles de que “a primeira criação de Jeová foi seu Filho” (entendida a palavra “Jeová” no sentido de “Deus”).

De acôrdo com o ensino do Novo Testamento, o Filho Eterno de Deus é tão incriado como o próprio Pai Eterno. As Testemunhas de Jeová apenas reviveram aqui a heresia de Ario no século IV, o qual ensinava que a Pessoa de Cristo não preexistiu eternamente como Deus-Filho, Deus é igualmente com o Pai Eterno, mas foi um ente-espírito criado, feito por Deus e usado como um instrumento criado na obra de produção das outras criaturas.

Para abonarem essa noção herética, as Testemunhas de Jeová citam mal o Apoc. 3, 14. Esse texto não diz que a Pessoa preexistente que mais tarde se encarnou como o Cristo foi “o começo da criação *por* Deus”. O sentido do texto grego é “o começo *da* criação de Deus”; e a referência não é à criação original de todas as coisas por Deus, mas sim à restauração da criação de Deus pela obra redentora realizada pelo Divino Filho encarnado. Na natureza humana criada, em que Ele nasceu da Virgem Maria, Jesus Cristo é o primeiro em honra e dignidade em toda a criação de Deus. Referir esta passagem à criação original em vez de à restauração das criaturas, efetuada pela encarnação e redenção, é tomar com a Sagrada Escritura uma liberdade absolutamente indesculpável, e manifestar ignorância profunda do sentido dela.

As Testemunhas estão em melhor terreno ao referirem o segundo dos seus textos à Pessoa de Cristo como existindo antes da encarnação. Mas o sentido das palavras não é como eles imaginam. Porquanto S. Paulo não cogitou de dizer aos Colossenses que o Filho de Deus era “o primogênito de toda a criação” *como parte dessa criação*. No próprio versículo citado, e imediatamente antes de falar d’Ele como “o primogênito de toda criatura”, S. Paulo declarara que Ele é “a imagem do Deus *invisível*”. Na sua *visível* humanidade criada, Cristo não era isso. A alusão era à própria Natureza Divina invisível e incriada do Filho Eterno. Gerado eternamente na Natureza Divina, Ele existiu antes de todas as coisas criadas. Assim S. Paulo prossegue dizendo imediatamente: “Nêle estavam todas as coisas criadas no céu e na terra” (Col 1, 16); e acrescenta que, portanto, todas as coisas criadas (das quais Ele não é uma) estão subordinadas a Ele. Que S. Paulo não teve a intenção de reduzir o Filho

de Deus ao nível de uma criatura é ainda evidente pela mesma Epístola, onde êle diz: "Nêle (Cristo) habita corporalmente tôda a plenitude da *Divindade*" (Col 2, 9).

A DOCTRINA DO "LOGOS" DE S. JOÃO

A declaração oficial das Testemunhas acha necessário destruir precisamente esta doutrina da plena posse da Divindade pela Pessoa de Cristo. Prossegue êle, pois, explicando que "antes de vir à terra êle era conhecido como o verbo ou "Logos", e fora dêle nem sequer uma só coisa veio à existência" (Jo 1, 1-3).

Mas que é que S. João diz no primeiro versículo do seu evangelho? Escreve êle: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus". A expressão "no princípio" foi usada para indicar que os pensamentos de S. João remontavam até àquilo que existia antes que a palavra da criação começasse. E no resto do texto temos a distinção das Pessoas — "o Verbo estava *com* Deus" —, e, no entanto, identidade na Natureza Divina — "o Verbo *era* Deus". A fim de fugir a isto, e contrariamente ao claro significado do texto grego, as Testemunhas traduzem a frase final como: "O Verbo era *um deus*". Não há justificativa para tão flagrante má tradução do grego.

Também, corretamente traduzido, o texto de S. João prossegue dizendo: "Por meio dêle tudo foi feito, e sem êle nada foi feito de tudo quanto foi feito". O Verbo, ou o Filho de Deus, não era, êle próprio, uma das coisas que haviam sido feitas ou criadas. Êle era o Fautor Incriado, Deus igualmente com o Pai; e portanto com razão, S. João dissera que "o Verbo (ou Logos) estava com Deus, e o Verbo *era* Deus".

Completamente falsa é, pois, a declaração das Testemunhas que se segue, a saber: que Cristo estêve

“longe de pretender ser igual a seu Pai”. O Novo Testamento desmente isso! Por isso em Filipenses 2, 5-7, é-nos dito que, estando na forma ou mesma natureza de Deus, Cristo não se julgou usurpador em ser igual a Deus, permanecendo Deus e nada senão Deus, mas desceu ao nosso mais baixo nível pela encarnação, tomando a forma também de homem.

Contra isto as Testemunhas citam João 5, 30: “Não posso fazer coisa alguma por minha iniciativa”; e João 14, 28: “O Pai é maior do que eu”. O primeiro destes dois textos, entretanto, prova que Cristo é Deus. Mesmo encarnada, a Pessoa de Cristo fica sendo Deus; e, como Deus, êle não pode fugir à unidade de atividade com o Pai Eterno em virtude da Natureza Divina que ambos possuem juntamente com o Espírito Santo. As palavras do segundo desses dois textos Cristo usou-as quando falando da sua ida para o Pai na Ascensão; isto é, precisamente como encarnado e possuindo uma humanidade criada. Do ponto de vista dessa humanidade de Cristo finita e criada, o Pai era realmente maior. Mas em João 10, 30, quando falando sob o ponto de vista da sua Natureza Incrinda e Divina, Cristo disse: “Eu e o Pai somos um”; e queria dizer “um só Ser”.

Onde estas últimas palavras entram em causa, as Testemunhas de Jeová são cegas quanto àquilo que até mesmo os Judeus viram, êles a quem Cristo as dizia. Porquanto os judeus apanharam pedras para o apedrejarem, dizendo-lhe: “Não é por uma boa obra que te apedrejam, mas por blasfêmia; e porque, sendo homem, te fazes Deus”. Os Judeus não aceitaram a pretensão dêle; mas sabiam *o que* êle pretendia. As pretensas Testemunhas de Jeová não o sabem.

Na sua declaração oficial êles dizem que, “portanto, em vista do precedente, as Testemunhas de

Jeová não têm outra alternativa senão rejeitar a doutrina da trindade, como não-escriturária". Mas eles têm outra alternativa. E é que deveriam obter um conhecimento elementar dos princípios de sã interpretação da Sagrada Escritura. De resto, a doutrina da SS. Trindade é tudo, menos não-escriturária. Em Mt 28, 19, achamos Nosso Senhor mandando os Apóstolos batizarem "em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo"; não nos "nomes", mas no único nome, indicando a unidade da Divindade igualmente possuída pelas três Pessoas Divinas. A heresia Ariana do século IV, revivida nos nossos dias pelas Testemunhas de Jeová, ainda é o que sempre foi, um ensinamento totalmente falso.

NATUREZA DO HOMEM

O que em seguida vem a ser considerado é a natureza do homem. Dizem-nos as Testemunhas que, "depois de preparar a terra para habitação do homem, Jeová-Deus formou o homem do limo da terra, e infundiu-lhe nas narinas o sopro de vida; e o homem tornou-se uma alma viva" (Gên. 2, 7).

Ora, seja qual fôr a interpretação do processo da formação do homem, o próprio relato frisa dois princípios distintos como próprios à natureza dêle: um corpo material e, muito mais do que isso, uma fôrça animadora, ou alma, infundida nesse corpo por Deus. Mas as Testemunhas não vêem o significado da descrição de uma ação separada, por parte de Deus, para a comunicação, como seu princípio animador, de uma entidade separada a um corpo já existente.

"Notem", dizem eles, "que o homem não recebeu uma alma imortal; tornou-se, foi então, uma alma

viva". Como esforço para argumentar, isto é simplesmente pasmoso. Porque a expressão "o homem tornou-se uma alma viva" é mera figura ordinária da linguagem comum a todos os idiomas, e conhecida como "sinédoque", ou seja a descrição de uma coisa por alusão apenas a alguma parte principal dela; como quando se diz que uma pessoa *fêz-se de vela* de S. Francisco para Honolulu. Por aí nós não poderíamos argumentar que um barco *é* uma vela! Do mesmo modo, poderíamos falar dêsse barco como tendo partido com cem *almas* a bordo. Todo homem sensato compreenderia que nós queríamos dizer cem seres humanos, e que êstes tinham seus corpos consigo. Mas, no interesse da sua religião peculiar, as Testemunhas de Jeová parece não sentirem obrigação de prestar qualquer atenção nem mesmo às exigências do bom-senso ordinário.

O CASTIGO DO PECADO

Para descrever a queda trágica de nossos primeiros pais no pecado, o sumário das Testemunhas de Jeová repete em resumo o relato dela dado no Livro do Gênese. Declara êle: "Deus mandou ao homem não comer do fruto de certa árvore. A vida de Adão dependia da sua obediência. Se êle desobedecesse, "no dia em que dela comeres certamente morrerás" (Gn 2, 17). Adão e Eva desobedeceram, e por isto foram sentenciados".

Não há necessidade de discutir aqui a exata interpretação dêsses detalhes particulares. O que é de importância para os nossos fins são os comentários das Testemunhas de Jeová sôbre a natureza da própria sentença. Perguntam êles: "Sentenciados a quê? A tormento eterno? Não, à morte: "Porque és pó e ao pó hás de tornar".

Devemos primeiro perguntar com que direito as Testemunhas de Jeová, do fato de nossos primeiros pais terem sido sentenciados à morte, concluem que o pecado que eles haviam cometido não merecia, por sua própria natureza, tormento eterno e incorrer sujeição a essa penalidade também. O texto simplesmente não trata deste outro aspecto do assunto, e nenhum argumento pró ou contra a existência de um inferno eterno no outro mundo pode ser baseado no enunciado como ele se apresenta. O relato trata de uma penalidade particular do pecado, sem nada dizer de quaisquer outras. Ele implica que o homem, criado com um corpo sujeito à morte física, foi ideado para ter isenção dessa morte física como um privilégio especial. Esse privilégio foi perdido por causa do primeiro pecado; e o homem tornou-se passível de morte física.

Em qualquer outra parte na Bíblia é-nos claramente ensinado que há um inferno eterno na outra vida para os que morrem em estado de pecado grave e impenitente. Arriscar tudo em cada texto isolado da Escritura que alguém sucede estar lendo em dado momento, e perder de vista tudo o mais que é dito em qualquer outra parte na Bíblia, não é caminho para uma compreensão conveniente de toda a revelação de Deus. Numa discussão do assunto do inferno, devem ser consideradas aquelas passagens que tratam desse assunto, e não aquelas que não professam tratar dele.

Nem há nada a ganhar com a citação de algumas meras palavras que justamente parecem quadrar com aquilo que se quer sustentar, sem consideração com o sentido real pretendido pelo autor delas. E', pois, sem propósito que as Testemunhas introduzam aqui Rom 6, 23, onde é dito: "O estipêndio do pecado é a morte". Porque S. Paulo aí não fala da morte física do corpo. Fala metafóricamente, declarando opostos o "pecado"

e a “graça”, como opostos são a “morte” e a “vida”. O pecado é a “morte” para a graça, como a graça é a “morte” para o pecado. Por isto êle escreve, em Rom 6, 11: “Considerai-vos mortos realmente para o pecado, mas vivos em Deus por meio de Jesus Cristo”. Por isto o estipêndio do pecado já é a morte espiritual para a graça..

Mas S. Paulo prossegue dizendo que, enquanto o estipêndio do pecado é a morte espiritual mesmo em alguém ainda vivo fisicamente, assim a graça de Deus é “vida eterna por meio de Jesus Cristo Nosso Senhor”. Aí êle declara que a vida da graça não é restrita a esta vida temporal. Se a tivermos, e se encontrarmos a morte física ainda possuindo-a, acharemos que ela continua na eternidade. E êle entende exatamente a mesma coisa da morte espiritual que êle contrasta com ela. Se estivermos em estado de pecado grave ou de morte espiritual enquanto vivermos nesta vida do tempo e do espaço, e se morrermos sem recobramos a vida da graça, o estado de morte espiritual continuará pela eternidade, no inferno. O pensamento inteiro de São Paulo é que tanto o que é moralmente bom como o que é moralmente mau tem a sua contrapartida na eternidade, ou seja um bom destino eterno ou um mau destino eterno, sendo êste último o estipêndio do pecado.

IMORTALIDADE NEGADA

As Testemunhas de Jeová pensam anular tôdas as considerações precedentes declarando que em todo caso a alma humana não é imortal e não sobrevive à morte do corpo. “A morte”, diz o sumário oficial dêles, “é a ausência da vida. No “Sheol” ou túmulo “não

há nem obra, nem invenção, nem ciências, nem sabedoria” (Ecle 9, 10).

Ora, é verdade que um corpo morto não é um corpo vivo. Também, quando um homem está morto e enterrado, já não é capaz de operar ou de inventar qualquer coisa neste mundo; nem é capaz de manifestar a sua ciência ou sabedoria em conversação com seus irmãos, como antes. Mas isso não diz nada quanto ao que foi feito da sua alma no além-túmulo. Por outro lado, o mesmo Livro do Eclesiastes, 12, 7, nos diz das sortes diferentes do corpo e da alma, dizendo que, na morte, “o pó voltará então à terra como era, e o espírito voltará a Deus, que o deu”. A inatividade do corpo sem vida no túmulo não fornece indicação do que está sucedendo no caso da alma que voltou a Deus que a criou.

Contudo, na sua simplicidade, as Testemunhas logo se confundem. “Adão era uma alma”, dizem eles. “Adão morreu? Adão a “alma viva” morreu? Sim”. Sem dúvida, Adão, como qualquer outro ser humano, constava de um corpo material e de uma alma espiritual e imortal. Por isto Cristo disse: “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma” (Mt 10, 28). Se o corpo e a alma fôssem uma só e mesma coisa, a morte de um seria a morte do outro. A expressão “alma viva”, como vimos, significa meramente “ente vivo”. Como ser humano vivo neste mundo, Adão morreu, voltando o seu corpo material ao pó do qual saíra, e voltando a sua alma espiritual e imortal a Deus que a deu, como o declara o Eclesiastes.

Um dos textos favoritos das Testemunhas é exibido em seguida. Ezequiel não diz (18, 4): “A alma que peca morrerá”? Diz. Mas, provavelmente, em parte nenhuma o pouco inteligente literalismo deles, que

não presta atenção ao sentido real da Sagrada Escritura, é mais evidente do que no uso feito pelas Testemunhas de Jeová deste texto particular. Porquanto Ezequiel está apenas refutando a idéia dos Judeus de que todos os sofrimentos dêles lhes sobrevinham como castigo dos pecados cometidos pelos seus antepassados. O profeta acentua a responsabilidade individual e pessoal. Tudo o que o seu anúncio figurativo e severo significa é que cada um será responsabilizado por Deus pela sua própria iniquidade. O texto não tem qualquer referência ou à natureza da alma ou à questão da sua imortalidade essencial.

Mas Isaías (53, 12) não predisse de Jesus que “êle entregou sua alma à morte?” Sem dúvida Isaías disse isso. Mas, falando de maneira idiomática própria da língua hebraica do seu tempo, tudo o que êle quis dizer foi: “Êle morreu”. Entretanto, se fôssemos ser servilmente literais, o texto de modo algum seria a conclusão da idéia das Testemunhas, de que o homem não *recebeu* uma alma, mas *é* uma alma. Porquanto, se o homem entrega a sua alma, está entregando algo que é parte dêle juntamente com alguma coisa mais também pertencente a êle, com resultante morte dessa alguma coisa mais — obviamente o seu corpo. Por outras palavras, a alma separa-se do corpo, com o resultado de que apenas um morto fica àqueles entre os quais o homem anteriormente viveu. Mas Ezequiel realmente não falava sôbre a fisiologia da morte. Discutia o problema moral da responsabilidade pelo pecado, acentuando a culpa individual como oposta à culpa coletiva.

Mais um esforço é feito sôbre êste assunto, levando novamente as Testemunhas ao Livro do Eclesiastes. “Consoante as Escrituras”, dizem êles, “os animais inferiores também são almas, e por isto lemos: “O que

sucede aos filhos dos homens sucede aos animais: uma só coisa lhes sucede: como um morre, assim morre o outro; sim, todos êles têm um só sôpro" (Ecle 3, 19).

Não há necessidade de insistir no fato de que essa passagem não prova que os animais inferiores *são* almas. O Eclesiastes admite que êles *têm* almas, pois no versículo 21 pergunta: "Quem sabe se o espírito do homem sobe ao alto, e se o espírito do animal desce para a terra?" A passagem inteira apenas declara a simples verdade de que animais e homens morrem igualmente. Mas no Eclesiastes (12, 7), como vimos, achamos dito dos homens o que não é dito dos animais, a saber: que, enquanto o corpo humano volta ao pó, o espírito humano volta para Deus que o deu.

"Não há como compreender mal estas claras afirmações", proclamam as Testemunhas, embora elas mesmas tenham sido inteiramente bem sucedidas em mal compreendê-las. "Por isto as Testemunhas de Jeová não crêem nas doutrinas do tormento eterno e da imortalidade da alma humana".

Para essa sua descrença elas não ofereceram uma só razão profunda. Deram somente uma exibição de completa incompetência em interpretação escriturária. No "Mercador de Veneza", Shakespeare faz Bassanio dizer: "Em religião, que maldito êrro há que um personagem grave não possa bendizer e aprovar com um texto?" Estas palavras certamente são aplicáveis à caricatura de religião de autoria do Pastor Russell, embora Shakespeare, escrevendo há duzentos anos atrás, nunca houvesse previsto o advento dela no cenário americano.

A SUPREMACIA DE DEUS NO PELOURINHO!

Agora as Testemunhas de Jeová mergulham nas profundezas ainda maiores da sua pretensa teologia bíblica. Dizem: "Para guiar e proteger a humanidade, Deus proporcionou um "querubim ungido que cobre" (Ez 28, 13-14), um anjo custódio. Esse querubim tornou-se ambicioso de ser adorado como Jeová-Deus, e assim virou traidor e foi causa de que o homem desobedecesse a Deus".

Isto é puro contra-senso. O profeta Ezequiel está descrevendo em linguagem altamente simbólica o rei de Tiro, comparando-o a um ocupante do jardim do Éden que é expulso pelo seu pecado. A passagem não tem nada parecido com o sentido a ela atribuído pelas Testemunhas de Jeová. Não há na Escritura a mais leve alusão ao fato de haver-se qualquer "anjo custódio" tornado ambicioso e traidor a Deus, causando a desobediência do homem a Deus. De fato, Ezequiel profetiza que, assim como o anjo da guarda, longe de os tentar a pecar, expulsou os nossos primeiros pais do Jardim do Éden por haverem desobedecido a Deus, assim também o rei de Tiro será destronado e expulso.

"Isto", continuam as Testemunhas, "imediatamente suscitou a questão: Por culpa de quem os homens pecaram?" A irrelevância do trecho pela qual eles procuram introduzir esse problema realmente não suscita questão outra exceto a do próprio direito deles de fazerem a Escritura significar o que quer que lhes apraza! Deixando, entretanto, passar isso, podemos prosseguir com a sua nova linha de pensamento. Perguntam eles: "Teria Jeová-Deus feito o homem fraco, e ainda exigido dele perfeita obediência se ele quisesse viver? Assim pretendeu o Demônio, jactan-

do-se de que poderia desviar de Deus todos os homens. Vejam Job" (Cap. 1 e 2).

Em vão procurar-se-á nos capítulos mencionados qualquer sugestão de haver o demônio pretendido que Deus fêz o homem fraco e ainda exigiu d'ele perfeita obediência. Podemos deixar passar êsses capítulos como nada tendo a ver com o caso.

Verdade é, sem dúvida, que Deus exigiu obediência de nossos primeiros pais; mas não os fêz fracos. Dotou-os de livre arbítrio, o que quer dizer que não os forçaria a serem bons, tal como o demônio não poderia forçá-los a serem maus. O demônio não podia fazer mais do que tentá-los. Eles não estavam sob coação para ceder a essa tentação. Eram plenamente capazes de resistir-lhe, e foi por culpa sua que não o fizeram, mas escolheram o pecado por desobediência, como o demônio lhes sugerira. Mas agora, quanto às terríveis conseqüências, — vamos a Jeová!

"O nome e a supremacia de Jeová vieram assim a ser envolvidos", dizem-nos eles com tôda seriedade. Contudo, como vimos, em lugar nenhum na Sagrada Escritura ocorre o nome "Jeová". Nem houve ali qualquer ameaça à supremacia de Deus. O que foi envolvido pelo pecado de nossos primeiros pais foi o próprio destino eterno do homem. Se, depois do pecado, o gênero humano receberia uma oportunidade de arrependimento e lhe seriam dados meios de salvação do desastre eterno, isto dependia inteiramente do amor e da misericórdia de Deus. E no Novo Testamento nos é dito que, de fato, "Deus amou tanto o mundo que deu seu Filho único" (Jo 3, 16) para a redenção do homem.

Mas as Testemunhas vêem as coisas de modo diferente. Dizem-nos: "Para provar a sua supremacia, para provar que o demônio era um mentiroso, para provar que Ele podia pôr na terra homens que lhe

ficassem fiéis a despeito de tudo o que o demônio fizesse, Jeová permitiu que o primeiro par humano e o demônio vivessem”.

Tudo isto é inteiramente fantástico. Deus não tinha necessidade de provar a ninguém o que quer que fôsse. Na sua misericórdia, êle adiou a imposição da pena de morte física aos nossos primeiros pais, prometendo-lhes um futuro Redentor, e dando-lhes uma oportunidade de arrependimento. As almas dos homens, e também o demônio, sendo espíritos imortais por sua própria natureza, constitucionalmente eram incapazes de cessar de existir, quaisquer que fôssem as condições da sua existência, quer de felicidade quer de miséria. Nenhuma permissão especial era requerida para os habilitar a continuar vivendo, pois êles o tinham de fazer por uma verdadeira necessidade das naturezas que Deus lhes dera inicialmente.

Mas voltemos a Deus. Para o proverem de alguma espécie de autojustificação, as Testemunhas agora imaginam em favor dêle que “Jeová conheceu que alguns da descendência dêles lhe permaneceriam fiéis e assim testemunhariam a Sua supremacia”. Como se fôsse necessário a Deus, na menor medida, que qualquer das suas criaturas testemunhasse a sua supremacia! Se algumas criaturas reconheceram a Sua supremacia, isso não podia conferir-lhe supremacia; nem podia êle perder a sua supremacia se quaisquer criaturas lha negassem. Os efeitos da submissão a Deus ou da rebelião contra Deus afetavam não a Deus, mas às próprias criaturas. Na sua misericórdia, Deus proveu a humanidade de um remédio para os maus efeitos que da sua rebelião pecaminosa os seres humanos haviam acarretado sôbre si mesmos.

Sucede ser verdade que, como nos é dito a seguir, “de Abel em diante, Jeová tinha tido testemunhas na

terra", tomando-se o nome não-escriturário "Jeová" como querendo dizer "Deus". Porém as pretensas "Testemunhas de Jeová" não devem ser computadas entre quaisquer testemunhas autorizadas em favor de Deus. Elas constituem apenas uma seita protestante moderna fundada por Charles Taze Russell, um ex-Congregacionista de Pittsburgh, Pennsylvania, que aos vinte anos de idade, em 1872, imaginou que só ele havia finalmente descoberto o verdadeiro sentido da Bíblia e incumbiu seus sectários de testemunhar as suas opiniões peculiares pelo mundo inteiro. Alinhar as "testemunhas" do Pastor Russell com quaisquer mensageiros divinamente autorizados vindos de Deus à humanidade, isto não só violaria a razão, mas também seria um insulto a Deus, dificilmente não incidindo em positiva blasfêmia!

POR QUE RAZÃO DEUS SE FEZ HOMEM

Não fiquem desorientados pelo nosso subtítulo aqui; portanto, como vimos, as Testemunhas de Jeová não creêm que Deus se tenha feito homem. Sustentam que o próprio Cristo era uma espécie de espírito-criatura encarnado que, embora existisse antes das outras criaturas, não preexistiu eternamente, e certamente não era igual a Deus.

Todavia, tendo, por assim dizer, preparado o palco, eles agora tentam explicar a missão de Cristo, tal como sustentam que ele é.

Dizem eles: "Para que seu nome fôsse vingado, para que seu intuito com relação à terra fôsse realizado, e para que os que conservavam integridade obtivessem a vida, Jeová enviou seu Filho ao mundo "para dar sua alma como resgate em troca de muitos" e "dar testemunho à verdade".

Negando, como negam, a SS. Trindade, e que haja qualquer Deus-Filho, as Testemunhas teriam sido mais honestas se declarassem francamente crer que o seu Jeová enviou ao mundo algum espírito-criatura; como realmente Charles Taze Russell originariamente disse, identificando êsse espírito-criatura com Miguel Arcanjo.

Quanto ao intuito de Deus, podemos imediatamente rejeitar a defesa do seu nome (embora êste nome não fôsse "Jeová"). Deus poderia ter defendido os seus direitos deixando os homens curtir plenamente o justo castigo dos seus pecados. E a Sagrada Escritura ensina que a obra redentora de Deus foi um ato de amor e de misericórdia inteiramente livre de sua parte. Nem foi o motivo de Deus a realização do seu propósito quanto á esta "terra" como um planêta. Foi para que á humanidade caída fôsem dados os meios de alcançar um destino de eterna felicidade no céu.

Errada é também a asserção de que isto era restrito aos "homens que conservaram integridade", coisa que as Testemunhas de Jeová não fazem em nenhum caso. O resgate era para os homens que são pecadores arrependidos. O Novo Testamento não nos diz que, "se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós" (1 Jo 1, 8)? E o próprio Cristo não disse: "Eu não vim chamar os justos, e sim os pecadores" (Mt 9, 13)? As Testemunhas de Jeová citam perpétuamente a Bíblia, mas não têm idéia daquilo que ela realmente ensina.

"EXALTAÇÃO DE CRISTO"

O documento oficial das Testemunhas de Jeová volta-se agora para o pensamento daquilo que a missão de Cristo significava para o próprio Cristo. E começa esta secção com mais uma negação da sua

divindade. "Concebido por uma virgem", é-nos dito, "o Verbo fêz-se carne, sendo dado à luz por uma mulher; assim êle era uma criatura real de carne e sangue".

Sem dúvida, as Testemunhas de Jeová querem dizer que Cristo era *sòmente* isso. Tôda essa história dêles de mandar Deus seu *Filho* a êste mundo é pura pretensão. Êles não acreditam que Deus tenha Filho. Entretanto, qual é a verdade conforme revelada na Sagrada Escritura? E' que o Filho Eterno de Deus, o Verbo que "estava com Deus, e que era Deus", embora ainda continuando a ser Deus, assumiu êle próprio também uma natureza humana nascendo da Virgem Maria. Essa natureza humana era uma real criação de carne e sangue; mas a Pessoa Divina que a possuía ainda pôde dizer, em virtude da Natureza Divina que ela conservou: "Eu e o Pai somos um" (Jo 8, 58); e também: "Antes que Abraão fôsse, eu sou" (Jo 8, 58) — declaração manifesta de que Êle era o Deus Onipotente que dissera a Moisés: "Dize ao povo de Israel: "EU SOU" enviou-me a vós" (Êx 3, 14).

Segue-se outra macaqueação do ensino da Bíblia. Dizem êles: "Por causa da sua demonstração de que um homem perfeito pode conservar a integridade a despeito do demônio, Deus ressuscitou Jesus dos mortos e exaltou-o a uma posição superior" (Filip 2, 5-11)". Nenhum cristão genuíno pode aceitar isso. Não foi por haver Nosso Senhor demonstrado que alguém que é meramente homem, por mais perfeito que seja, pode conservar a integridade a despeito do demônio, mas sim porque uma Pessoa Divina, igualmente Deus com o Pai, humilhou-se a si mesma na encarnação, e, sofrendo a morte na natureza humana que então assumiu, fêz a vontade do Pai, — foi por esta razão que Jesus foi exaltado mesmo na sua humanidade; e não

apenas a uma “posição superior”, mas à glória eterna nessa humanidade. Como consequência disso, o verdadeiro culto devido ao próprio Deus é devido a Cristo tanto na sua Natureza Divina como na sua humanidade criada que êle assumiu. Nessa humanidade êle é “o Senhor dos senhores e o Rei dos reis” (Apoc 17, 14), de modo que, como São Paulo acentua, “ao nome de Jesus todo joelho se dobra no céu, na terra e nos infernos” (Filip 2-10).

A suprema adoração devida a Deus só é, pois, devida, à humanidade glorificada de Cristo em virtude de ser Êle a Segunda Pessoa da SS. Trindade. Com razão podemos aplicar às Testemunhas de Jeová, de mentalidade verdadeiramente terrena, as palavras: “O homem animal não compreende as coisas que são do Espírito de Deus: pois elas são loucura para êle; e nem pode êle conhecê-las, pois elas são discernidas espiritualmente” (1 Cor 2, 14).

A IGREJA DE CRISTO

A continuada obra de Cristo neste mundo é o que a seguir prende a atenção das Testemunhas de Jeová. Dizem êles: “Desde Pentecostes, Deus está chamando e preparando uma “noiva”, uma “pequena grei”, um corpo de 144.000 “comprados da terra” para compartilhar a vida e o govêrno celestes “como reis com Cristo para os mil anos”. Êstes e Cristo e sua noiva constituem o “reino dos céus”.

O primeiro pensamento que aqui ocorre a qualquer um é que, se Deus está chamando e preparando sua “noiva” desde Pentecostes, as Testemunhas de Jeová, que só vieram à existência em 1872 com o estapafúrdio plano do mômço de vinte anos Charles Taze Russell, de Pittsburgo, Pennsylvania, estão uns

dezenove séculos em atraso no cenário do mundo para merecerem séria consideração como tendo qualquer parte com essa “noiva”.

A “noiva”, por certo, como os Evangelhos e as Epístolas de S. Paulo tornam claro, é uma expressão simbólica para a Igreja que Cristo fundou, e sobre a qual enviou o Espírito Santo no Domingo de Pentecostes em Jerusalém. Com essa Igreja êle prometeu habitar “todos os dias até a consumação dos séculos” (Mt 28, 20). A sua Igreja deve, pois, ter estado neste mundo todos os dias desde Pentecostes. E, como isto não pode ser dito das Testemunhas de Jeová, fundadas somente no século dezenove pelo Pastor Russell, não podem elas pretender ligação alguma com qualquer coisa que haja transpirado no Domingo de Pentecostes, cinquenta dias depois da ressurreição de Cristo. Mas alguma coisa também deve ser aqui dita das outras referências escriturárias nesta passagem aliás notável.

Quando Cristo falou da sua Igreja como uma “pequena grei” (Lc 12, 32), estava falando ao que era então o mero punhado dos seus discípulos, e mandando-lhes não temerem que lhes faltasse o temporariamente necessário. Êles eram realmente um “pequeno rebanho” quando Êle lhes falou. Mas não disse que êles permaneceriam sendo um “pequeno rebanho”. Na sua parábola da mais pequena das sementes que cresceu até sêr uma grande árvore (Mt 13, 31-32), êle predisse a imensa expansão futura da sua Igreja. Certamente nunca pretendeu que o “pequeno rebanho” ficasse restrito a “um corpo de 144.000”.

A referência aos “144.000 que foram comprados da terra” ocorre em contexto inteiramente outro, onde S. João descreve, em linguagem altamente simbólica, a sua visão do Cordeiro no céu (Apoc 14, 3). Ali o nú-

mero 144.000, o quadrado de 12 multiplicado por mil, é uma expressão figurada para um número completado; e refere-se a toda a companhia dos remidos. Ele não significa literalmente 144.000. As interpretações do Apocalipse feitas pelas Testemunhas de Jeová manifestam a verdade do reparo feito pelo erudito protestante de Escritura Prof. C. H. Dodd, de que uma liberdade inqualificada de interpretação bíblica tem levado a aberrações ilimitadas, particularmente exemplificada na exploração dos escritos apocalípticos mais obscuros, tais como o Apocalipse, que se tornou "o terreno privilegiado de toda argúcia" ("The Bible Today", "A Bíblia hoje em dia", p. 23).

Isto talvez seja ainda mais aparente na explicação das Testemunhas de Jeová sobre a referência de S. João a reinar com Cristo "por mil anos" (Apoc 20, 4). Uma interpretação literal dos "mil anos" está inteiramente em discordância com o método que o resto da Revelação ou Apocalipse requer. O número "mil" não deve ser tomado numericamente, mas sim figuradamente, como significando uma idade indefinidamente longa. O "Novo Comentário da Sagrada Escritura" ("New Commentary of Holy Scripture"), protestante, diz, pois, com razão, que os "mil anos" simbolizam o período total entre a vinda de Cristo na encarnação e a sua segunda vinda no fim dos tempos para julgar toda a humanidade. A idéia de um "Milênio" literal, como ensinada pelas Testemunhas de Jeová, é totalmente falsa.

DESTINO DA HUMANIDADE

Não se deve pensar que as Testemunhas de Jeová ofereçam esperança somente aos "144.000", o número que tão mal eles têm compreendido. Dizem-nos

êles: "Jesus também morreu "pelas suas outras ovelhas", das quais há muitas. Para essas outras ovelhas o chamado divulga-se agora".

A idéia, dêles é que por tôda a eternidade haverá dois ramos do reino de Cristo: uma secção no céu, para a qual só irão os 144.000 escolhidos, e a outra na terra, onde todo o resto dos "salvos", os "Jonadabs", habitarão para sempre, casando-se e multiplicando-se, sem morrer ninguém, tudo sem quaisquer limites de tempo. O problema do limite de espaço nesta terra êles simplesmente ignoram. As "outras ovelhas" devem ter o duvidoso privilégio de acotovelar-se eternamente com os milhões de pessoas a se multiplicarem sem conta na superfície da terra. Evidentemente, os 144.000 bilhetes para os assentos no céu já foram esgotados; e as Testemunhas de Jeová concebem ser agora seu dever anotar gente como ovelhas para os eternos pastos na face dêste planêta.

Desnecessário é dizer que a referência de Nosso Senhor às suas "outras ovelhas" foi completamente mal aplicada pelas Testemunhas de Jeová. Em João, 10, 10, achamos Nosso Senhor dizendo: "Tenho outras ovelhas que não são dêste redil: também essas devo trazer... e haverá um só rebanho e um só pastor". Ele estava então simplesmente contrapondo ao Israel de outrora, a Igreja que êle estabelecera. Como povo escolhido de Deus, Israel fôra restrito aos Judeus. Aqui Jesus declara que os Gentios, tanto como os Judeus, terão o privilégio de participação no "Novo Israel", a sua Igreja, formando todos um só rebanho sob um chefe supremo visível como seu pastor na terra.

• Todavia, agindo sob a sua própria obsessão, as Testemunhas de Jeová passam a avisar a humanidade do tremendo desastre que êles dizem sobrevirá a todos os que rejeitarem a sua mensagem particular.

“Procurai a justiça, procurai a mansidão: para que não tenhais de vos esconder no dia da cólera de Jeová, no dia em que tôda a terra será devorada pelo fogo dos zelos de Deus, dia conhecido como “Armageddon”.

A justiça de que êles falam obtém-se facilmente. Os “justos” tornaram-se tais pelo simples fato de se haverem feito Testemunhas de Jeová; embora a arrogância fanática tão característica dessa gente esteja muito distante da mansidão! Quanto ao literalismo cru com que êles interpretam a batalha de Armageddon, não se impressionará com êle ninguém que compreenda o caráter misterioso e simbólico do Apocalipse. Ali “Armageddon” é mera expressão figurativa simbolizando a vitória final, por meio de Cristo, do bem sobre o mal, usando S. João como analogia uma referência (Juizes 5, 19) à derrota dos reis de Canaã no Monte de Megiddo (Har-Mageddon).

O MUNDO SATÂNICO

Apressam-se êles a explicar: “A terra literal, por certo, não será devorada pelo fogo, pois “permanece para sempre”. Que a terra permanecerá para sempre é, no entanto, nova balela. Em nenhum lugar a Bíblia declara tal coisa. Na verdade, o Eclesiastes (1, 4) diz: “Passa uma geração e vem outra geração, mas a terra permanece para sempre”. Mas nem por um momento pretendeu o autor que a terra persista por tôda a eternidade. Quis simplesmente dizer que, até onde fôr a nossa experiência presente, a terra continua à medida que as gerações se sucedem umas às outras. Ele falava justamente como Tennyson falou no seu poema “O Riacho”, onde faz o riacho dizer: “Podem os homens vir e podem os homens ir, mas eu continuo para sempre”. Interpretar isso literalmente,

como querendo dizer “por tôda a eternidade”, seria inteiramente absurdo.

O que será devorado pelo fogo, se não é a terra, consoante as Testemunhas de Jeová é “êste perverso sistema de coisas, ou mundo do qual Satanás é o deus”. Para êles, cada coisa e cada homem é satânico, exceto a organização das Testemunhas de Jeová e os seus membros. Não obstante, êles achariam muito conturbadora para si a descrição feita por S. João dos reais agentes de Satanás, se o pudessem sequer apreender o significado das palavras dêle. “Ouvistes”, escreveu S. João, “que o Anticristo vem; mesmo agora muitos se têm feito Anticristos. E’ Anticristo aquêle que nega o Pai e o Filho” (1 Jo 2, 22). As próprias Testemunhas de Jeová fazem justamente isso, pela sua negação da SS. Trindade e da Divindade de Cristo.

Entretanto, para apoiarem a sua denúncia do “mundo” êles declaram que Jesus disse: “O meu reino não é dêste mundo” (Jo 18, 36); e assim nos dão ainda outro exemplo do seu manejo falso e completamente irresponsável dos textos bíblicos. Porquanto as palavras citadas não contêm nenhuma referência a qualquer suposta perversidade dos reinos terrestres, nem nenhuma sugestão de que Satanás é o deus de todos êles. Jesus apenas disse a Pilatos que o seu reino não era um reino terrestre temporário, como são outros reinos neste mundo. E é tudo. O que Cristo pensava do mundo sob um ponto de vista moral e espiritual deve ser procurado em qualquer outro lugar.

Mais um ensaio. Dizem as Testemunhas: “O discípulo Tiago advertiu que “amizade com o mundo é inimizade com Deus” (Tgo 4, 4). Por isto as Testemunhas de Jeová evitam o mundo”. Todavia, isto simplesmente não vem ao caso. S. Tiago não condena o

mundo como tal no sentido pretendido pelas Testemunhas de Jeová. Trata das disposições morais do povo para com a riqueza, os prazeres e as honras que se podem granjear no mundo. Ou estas coisas nos dominam, de modo que somos preparados para procurá-las mesmo à custa de infringir as leis de Deus, assim perdendo a amizade de Deus; ou nós nos dominamos a nós mesmos, observando suficiente autodisciplina no nosso uso das vantagens dêste mundo, de modo que por nenhuma delas ofendamos a Deus; preferindo passar sem elas se elas não puderem ser obtidas sem pecado. Isto é coisa muito diferente de denunciar como “o mundo perverso” todos os que não aceitam a organização das Testemunhas de Jeová, e achando um prazer maligno e vingativo no pensamento dos mais tremendos desastres imaginários com que êsses devem ser punidos!

SINAIS DO FIM

Para obterem que seu aviso seja ouvido, as Testemunhas de Jeová nunca se cansam de proclamar que o fim do mundo está iminente. “Esta geração está vendo o sinal que assinala a segunda presença de Cristo: “Nação levantar-se-á contra nação... haverá escassez de alimento e terremotos... sereis odiados por tôdas as nações... e esta boa-nova do reino será pregada em tôda a terra habitada” (Mt 24).

Ora, se uma coisa foi tornada clara neste nosso comentário, é certamente que a mensagem de Charles Taze Russell não é “a boa-nova do reino”. Consiste apenas nas ridículas idéias de mais outros da longa linhagem de profetas autoconstituídos dos quais o mundo já desde muito se cansou. Que razão há para que se deposite qualquer confiança mais nas falsas

interpretações da Escritura feitas por Charles Russell, do que nas dos fundadores de outras similares seitas modernas, ou de Mrs. Mary Baker Eddy com a sua Ciência Cristã, ou de Joseph Smith e os Mormons, ou de Mrs. Ellen G. White e os Adventistas do Sétimo Dia, ou de Pai Divino com a sua missão "Paz — é admirável", ou de tantos outros?

Quanto ao fato de a nossa geração presente ver os "sinais", em tôda geração durante os passados vinte séculos houve os que imaginaram que os sinais da segunda vinda de Cristo foram verificados na sua própria época. Não há maior razão para crer que os "sinais" sejam mais particularmente evidentes agora do que nos séculos anteriores. Cristo deliberadamente se absteve de falar claramente sôbre o assunto, dizendo aos seus discipulos: "Não vos compete saber os tempos ou os momentos que o Pai reservou em seu poder" (At 1, 7). Ele prometeu que a sua contínua presença estaria com aquêles que lhe pertencem, que o seu poder nêles os habilitaria a superar o pecado, e que finalmente a luta entre o bem e o mal culminaria no seu triunfo manifesto quando Ele vier outra vez em tôda a sua majestade e glória. A auto-segurança dos fanáticos que condescendem com predições baseadas numa interpretação cruamente literal e materialista da Sagrada Escritura, é pura presunção.

ETERNIDADE DA TERRA

Mas as Testemunhas de Jeová não tardam a dizer-nos qual será o resultado do juízo iminente. Dizem: "Depois de destruir êste velho mundo, Cristo entrará no novo mundo onde "deve habitar a justiça". Então não mais guerra, temor ou necessidade".

Mas o espúrio paraíso por tôda a eternidade nesta terra é uma quimera, totalmente sem evidência para

ela. Quando Cristo vier outra vez, será, como êle mesmo declarou, para julgar tôda a humanidade; e o resultado dêsse julgamento será que os maus impenitentes “irão para o castigo eterno, e os justos para a vida eterna”? (Mt 25, 31-46). O destino final será ou um estado de inferno num outro mundo, ou um estado de céu igualmente noutro mundo.

Com a sua afirmação de que “até mesmo os mortos serão lembrados, pois “vai haver uma ressurreição tanto dos justos como dos não justos”, nenhum cristão poderia ordinariamente litigar. Porém, mesmo quando as Testemunhas de Jeová dizem a coisa certa, pode-se ter como pressuposto que êles a entendem de modo errado. De fato, segundo os seus próprios ensinamentos, absolutamente não pode haver ressurreição. Porque êles negam a imortalidade da alma humana. Insistem em que, quando um homem morre, nada dêle sobrevive. Êle se torna simplesmente não-existente. Por isto, não há nada dêle para ressuscitar. Quando muito, Deus poderia criar outro ser que seria uma reprodução de algum ser anterior. Mas o novo ser seria um ser diferente, e não a mesma pessoa, de modo algum. Isto certamente não seria a ressurreição de uma pessoa que previamente existira. Mas as Testemunhas de Jeová parecem ser completamente estranhas à filosofia e à lógica, tanto como ao sentido da Sagrada Escritura.

A visão beatífica desta terra flutua-lhes agora mais uma vez dentro da consciência. “Tôda dor, tristeza e pranto serão então riscados, e até mesmo a inimiga morte será destruída. A terra será feita um vasto paraíso”. Mas em parte alguma a Bíblia ensina que a terra se tornará algum dia um vasto paraíso! O próprio Cristo ascendeu desta terra ao céu no seu corpo ressuscitado e glorificado, tendo dito aos seus discí-

pulos: “Vou preparar-vos um lugar, para que, onde eu estou, vós também estejais” (Jo 14, 2-3). Quanto às outras condições do céu, êle diria às pretensas Testemunhas de Jeová o que disse aos saduceus: “Vós errais não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus. Porquanto na ressurreição êles nem se casarão nem se darão em casamento, mas serão como os anjos de Deus no céu” (Mt 22, 29-30). Se havemos de ser como os anjos de Deus no céu, não precisaremos de nenhuma habitação material, absurdamente concebida, nesta terra.

CONCLUSÃO

“Assim Jeová será vingado, visto o seu intuito a respeito da terra estar plenamente realizado”, conclui essa declaração oficial de doutrina publicada pela Watch Tower Bible and Tract Society (Sociedade Bíblica e Panfletária Atalaia). “Isto, em suma, é o que as Testemunhas de Jeová entendem que a Bíblia ensina e o que êles crêem”.

Por uma última vez deve ser dito que Deus em parte alguma reconhece “Jeová” como seu nome. E êle não tem a respeito da terra intuítos que de qualquer modo se assemelhem ao que as Testemunhas de Jeová imaginaram em favor dela. Todo êste triste esquema é indigno da inteligência humana, opõe-se aos ensinamentos da Sagrada Escritura, e é realmente um insulto ao próprio Deus. As doutrinas são devidas a uma incompreensão quase completa da Bíblia, e não a uma verdadeira compreensão dela; e a crença nelas é mera credulidade.

Até aí, pois, quanto à explicação que as próprias Testemunhas de Jeová nos deram da sua nova religião. Começaram dizendo queixosamente que os outros não dão um relato acurado dos seus ensinamentos; mas,

como dissemos quando comentamos isso, não há razão para que alguém recorra à falsidade para impugnar a verdade daquilo que eles dizem. Nada poderia revelar melhor a falsidade das doutrinas deles do que a própria exposição destas.

Sem dúvida, poderia ter sido dito sobre todo este assunto muito mais do que foi possível dizê-lo neste livrinho, que deliberadamente foi restringido a um exame só daquilo que o sumário oficial deles contém. Sobretudo, a ausência quase total de quaisquer valores verdadeiramente morais e espirituais no seu sistema pediria ainda maior atenção do que os aspectos ali postos diante de nós. Debalde se procura em todo ele um espírito genuinamente religioso. Em vez das vitais virtudes cristãs de fé, esperança e caridade, ele oferece superstição, presunção, pequeno amor pessoal a. Nosso Senhor, e somente acres denúncias dos seus semelhantes. Não inspira nenhuma das obras de misericórdia corporais. Humildade, mansidão e paciência são inteiramente estranhas à sua concepção. Se, como elas triunfantemente proclamam, as Testemunhas de Jeová sofrem nas mãos dos outros (por mais injustificável que seja a conduta desses outros), não sofrem alegremente, mas rancorosamente; e desdenham completamente o fato de que, como um sinal dos verdadeiros seguidores de Cristo, só valem aqueles sofrimentos que são infligidos por amor d'Ele, e não aqueles que os discípulos professos acarretam sobre si mesmos pelo seu mau procedimento.

Mas não há lugar para entrarmos plenamente nestas importantíssimas matérias. Devemo-nos contentar com a análise da própria declaração oficial deles, que, afinal de contas, já é mais do que bastante para revelar a falsidade dos seus ensinamentos. Somente falta de familiaridade com a história, ignorância de sãos

princípios de interpretação escriturária, e uma quase completa falta de conhecimento das leis elementares da lógica — deficiências estas tôdas misturadas com uma credulidade ilimitada — poderiam achar o credo dêles sequer remotamente crível.

A Invasão das Testemunhas de Jeová

Temos verificado, nestes últimos anos, uma verdadeira invasão de prosélitos da seita chamada "Testemunhas de Jeová".

Uma das tantas seitas? Sem dúvida. Mas não nos iludamos: é uma das mais ativas e combativas, perante cuja ofensiva não podemos cruzar os braços, ou meramente sorrir de compaixão.

Para melhor nos capacitarmos disto, ouçamos o eloqüente brado das estatísticas. Tôdas as citações são hauridas de publicações da seita. Note-se que as Testemunhas não costumam recensear todos os seus adeptos, mas apenas os "ministros", ou seja, as Testemunhas ativas. Vejam os números:

NO MUNDO:		NO BRASIL:	
1942	115.240	1923	8
1947	207.552	1928	18
1952	456.265 ¹	1938	103
1957	716.901 ²	1948	911 ³
		1955	7.931
		1956	9.596
		1957	11.602
		1958	14.458 ⁴

Mas vamos traduzir estas cifras áridas em fatos mais palpáveis. Nos últimos trinta anos, o aumento dos ministros da seita foi de cêrca 1370%! ⁵ Em 1957, a seita enriqueceu-se de 10.415 ministros por mês. Verdade é que nem todos estão

¹) *Qualified to be Ministers*, p. 340.

²) *A Sentinela*, 1-5-1958, p. 283. *Despertail* (22-5-1958, p. 5) diverge: dá só 653.273.

³) A fonte dêste dado está na nota 4; entretanto, a estatística de 1948 diverge um pouco na *Despertail* de 22-1-1959, pois acusa a cifra de 1.077 ministros (p. 30).

⁴) *Jornal do Brasil*, 9-10-1958.

⁵) *A Sentinela*, 15-5-1958, p. 305.

na ativa o ano todo: alguns só se dedicam à pregação uma ou duas vezes por ano. Mas é sempre um contingente não desprezível.⁴

Vem a propósito a seguinte estatística do *The New Yorker*: “Enquanto as 254 outras seitas nos Estados Unidos têm registrado um aumento de 75% no número conjunto de membros, durante o último quarto de século, as Testemunhas avançaram com um ganho de 2.300%, ou num passo trinta e uma vezes mais rápido do que todo o resto junto”.

E a *Sentinela* (15-3-1958, p. 173) informa que, de 1951 a 1955, em cada dez minutos as fileiras dos pregadores da seita recebiam um novo membro.

Também no setor da propaganda, as estatísticas são bem eloqüentes. Meditem-se os seguintes dados da literatura distribuída em 1957:

Bíblias e outros livros	3.127.083
Opúsculos	13.420.087
A Sentinela	75.442.810
Despertai!	61.005.344
TOTAL (no mundo todo)	152.995.324 *

153 milhões de impressos cheios de veneno; isto sem contar os milhões de folhetos volantes que a seita também espalha em profusão! Cêrca de 420 mil por dia!

No Brasil, as cidades onde as Testemunhas trabalham mais ativamente são:

S. Paulo	34	“congregações” . . .	2.692	pregadores
Rio de Janeiro . . .	23	” . . .	1.468	”
Salvador	17	” . . .	1.067	”

Há também grande trabalho de proselitismo em Recife, Belém e Pôrto Alegre. Mas também em muitas outras localidades as Testemunhas trabalham intensamente e sem esmo-recer.⁵

⁴) A *Sentinela*, 1-5-1958, p. 283.

⁵) A *Sentinela* 1-12-1957, p. 296. A revista das Testemunhas reproduz aqui a citação feita pelo Pe. John A. O'Brien em *Our Sunday Visitor* de 3-2-1957.

⁶) A *Sentinela*, 1-5-1958, p. 287.

⁷) *Despertai!*, 22-1-1959, p. 30.

Trabalhemos nós também, com caridade e sereno otimismo. Seria um crime ficarmos inertes, quando o inimigo das almas se industria tanto. Mas, principalmente, lembremos sempre que é do Senhor que devemos esperar o auxílio: é sobretudo de joelhos, com o têrço na mão, que deveremos enfrentar os inimigos da nossa fé.

P. W. G.

INDICE

AS TESTEMUNHAS DE JEOVA

Evolução de um nome	5
Charles Taze Russell	8
J. F. Rutherford	11
Nathan Homer Knorr	12
"O novo Cristianismo"	12
Ódio às outras Igrejas	13
Deslealdade Cívica	15
Complexo de Perseguição	16
Uma organização religiosa	17
Grandes negócios	19
"Cristãos da Bíblia"	21
Jeová-Deus	23
Cristo	24
Segunda vinda	26
Armageddon	29
Milênio	30
Negação da imortalidade	31
A segunda oportunidade	33
Juízo	33
Sagrêdo do êxito	35
Estimativa	37

O INCRÍVEL CREDO DAS TESTEMUNHAS DE JEOVA

"Escribas e Fariseus"	42
O Deus das Testemunhas	44
O nome hebraico	45
Negação da divindade de Cristo	47
A doutrina do "Logos" de S. João	49
Natureza do homem	51

O castigo do pecado	52
Imortalidade negada	54
A supremacia de Deus no pelourinho	58
Por que razão Deus se fez homem	61
"Exaltação de Cristo"	62
A Igreja de Cristo	64
Destino da humanidade	66
O mundo satânico	68
Sinais do fim	70
Eternidade da Terra	71
Conclusão	73
A invasão das Testemunhas de Jeová	76'

